

Cadernos Barruel 18 - 1989

- [GNOSE E HUMANISMO](#)
- [NOTAS BIBLIOGRÁFICAS](#)
- [O ISLAM, RELIGIÃO SOB O VENTO POLÍTICO - I](#)
- [O MITO DO GRAAL](#)
- [O PROBLEMA ARDENTE DA TRADIÇÃO](#)

GNOSE E HUMANISMO

Desde as origens do Cristianismo, vimos os gnósticos se esforçarem para penetrar na jovem Igreja e aí depositar o germe de seu culto satânico. Este foi um fracasso. A partir do século VI, eles tiveram que trabalhar em segredo.

Acompanhamos sua ação discreta através dos séculos da Idade Média. Aqui e ali, ela aparece repentinamente para cair muito rapidamente na sombra de onde havia acabado de sair. Por exemplo, os hereges sabelianos explicavam a Trindade como uma mônada em expansão. Marcelo de Ancira falava da “dilatação do divino” e do *Logos* se exteriorizando através de uma energia divina, embora permanecendo sempre Deus. Os arianos afirmavam que Jesus Cristo e o Espírito Santo eram emanações de Deus Pai, que Jesus Cristo era um homem perfeito, cuja alma era o “*Logos*”, em comunicação direta com Deus.

Mais tarde, no século XII, vemos aparecer, sem ligação aparente com uma Gnose anterior, um monge da Calábria, que alegou ter entrevisto, errando ao sol no jardim de seu convento, um belo jovem que lhe estendeu uma taça onde ele bebeu algumas gotas. Joaquim de Fiore acabara de provar em um cálice maravilhoso a revelação do futuro, a visão do Evangelho Eterno. Partiu para a Terra Santa. No retorno, parou em um mosteiro na Sicília, perto do Etna, onde teve um êxtase de três dias, semelhante a uma agonia:

“*Eu estava aos seus pés, conta seu discípulo, eu escrevia e dois outros comigo. Ele ditava noite e dia. Seu rosto estava pálido como a folha seca dos bosques.*”

Ele anunciava o fim da Lei de Cristo, que deveria se retirar no ano de 1260 diante da Lei do Espírito. A terceira era será o Evangelho Eterno; a lei do Amor e o tempo da Liberdade. Sua doutrina foi propagada pelos franciscanos, o próprio Joaquim não foi perseguido. Dante o coloca entre os eleitos e lhe concede o título de profeta. Ele teve discípulos na Alemanha, no século XIV, “os irmãos do Livre Espírito”, Mestre Eckhart, Tauler, Suso. De fato, ele ensinou a gnose mais clássica. O fim da Humanidade é se fundir em Deus pela obra do Espírito e, nessa união, a alma do homem não é mais do que o próprio Deus.

Mestre Eckhart continua o ensinamento de Joaquim de Fiore:

“*A alma, ele diz em seu sermão ‘Nisi granum frumenti’, escapa de sua natureza, de seu ser e de sua vida, e nasce na divindade. É ali que está o seu devir. Ela se torna tão totalmente um só ser que não resta outra distinção senão esta: Ele permanece Deus e ela permanece alma.*”

Essa união, “Einung”, é na verdade uma fusão de dois seres em uma única divindade total: é o retorno à unidade primordial de nossos gnósticos. O Papa João XXII condenou em uma bula de 1329 esta tese de Mestre Eckhart:

“Nós nos metamorfoseamos totalmente em Deus e nos convertemos nele da mesma maneira que o pão no sacramento se transforma em corpo de Cristo. Eu sou assim transformado nele porque ele mesmo me faz ser seu. Unidade e não semelhança. Pelo Deus vivo, é verdade que não há distinção alguma aí.”

Acompanhamos assim, através dos séculos da Idade Média, uma empresa secreta de penetração no pensamento cristão de uma gnose que se esconde sob uma linguagem aparentemente cristã.

Mas se quisermos realmente presenciar um retorno em força da gnose no pensamento cristão, é preciso esperar o século XV com o florescimento do Humanismo na Renascença.

É então que o pensamento gnóstico exercerá uma influência decisiva sobre toda a mentalidade da elite culta no século XVI, de tal maneira que desde então ele não cessou de envenenar os espíritos até os nossos dias, apesar dos esforços enérgicos da Igreja para preservar a doutrina cristã contra essa nova invasão. O Romantismo do século passado não foi outra coisa senão uma ressurgência do Humanismo gnóstico! Nós o explicaremos em um próximo capítulo.

Se quisermos definir com precisão o Humanismo da Renascença, é preciso reconhecer que ele foi o resultado de uma penetração da Gnose cabalística ensinada pelos rabinos do século XV na sociedade cristã da época.

A Cabala, forma judaica da Gnose

Os gnósticos se esforçaram, desde os primeiros séculos, para penetrar no Judaísmo da diáspora de maneira a levar os rabinos, fiéis à Revelação do Antigo Testamento, a renegar o verdadeiro Deus, Javé.

Eles explicaram que Javé era apenas uma entidade demoníaca, que a Lei de Moisés havia sido inventada por ele para reduzir os judeus à escravidão do Demiurgo, aprisionando-os em uma rede de instituições e princípios arbitrários, manifestando a vontade de um tirano malévolo. Eles inundaram a Síria e a Palestina com cantos gnósticos que haviam composto. Neles se encontra todo o princípio da emanção, as ideias neoplatônicas, com um estado de exaltação e entusiasmo graças ao qual se “voava no ar” sobre “a carruagem da alma” e se realizava todos os tipos de milagres, acompanhados de alucinações e visões.

O resultado dessa penetração gnóstica em Israel foi, durante a Idade Média, o surgimento da Cabala ou “tradição”. Sua forma definitiva se expressou no livro do “Zohar”, ou seja, do “Esplendor”. Ele se apresenta sob a forma de um comentário do Pentateuco, ensinado pelo Rabi Simon ben Jochaï a seu círculo de piedosos ouvintes. Sua redação atual remonta em grande parte a Moisés de León. Vamos dar um resumo baseado em Moisés Cordovero e Isaac Luria.

Mas é primeiro necessário livrar o Zohar de toda uma mitologia extravagante cuja leitura é muito penosa para uma inteligência comum. Os cabalistas se esforçaram para envolver seu ensinamento em um revestimento fantástico destinado a esconder suas verdadeiras intenções.

Nisso, eles não fizeram mais do que seguir o exemplo dos nossos primeiros gnósticos. Era de fato difícil fazer com que os rabinos abandonassem o verdadeiro culto de Javé. Era preciso para isso fingir seguir a Revelação do Antigo Testamento e dar um comentário respeitoso que deveria acabar por inverter completamente o sentido verdadeiro. Continuava-se a falar do “Santo, bendito seja seu nome”, da “criação”, mas essas palavras encobriam um sentido novo e inédito em Israel, o da Gnose, tal como já a expusemos.

O Grande-Todo-Pleroma dos nossos gnósticos chama-se, entre eles, o “En-Sof”, isto é, o “não-limitado”, grande Ser imutável, eterno, infinito, que contém em si todas as formas. Para explicar o surgimento do mundo visível e a multiplicidade dos seres que povoam o Universo, os cabalistas recorrem à noção de emanção e de contração. O Grande Todo primitivo, uma espécie de “caos”, se contrai para deixar um vazio no interior do qual vão aparecer as formas determinadas e múltiplas das criaturas que são o reflexo aparente do En-Sof.

Em outras palavras, o Grande Todo não é outra coisa senão a soma, a totalidade das coisas finitas. Para explicar essa passagem do Uno ao múltiplo, do indeterminado às formas concretas, os gnósticos haviam inventado poderes divinos intermediários, os Arcontes, capazes de produzir os seres. Eles são chamados “Sefirot” pelos cabalistas. Seu número e seus atributos podem variar de um escritor para outro, mas seu papel permanece essencial na produção das coisas finitas distinguidas entre si por suas qualidades, suas gradações, suas determinações.

Uma noção fundamental da Cabala e que é a maneira de apresentar o panteísmo mais absoluto, é a correspondência de estrutura entre os dois mundos, o do En-Sof e o mundo visível, objeto das nossas percepções:

“Todas as coisas, diz-nos o Zohar, dependem umas das outras e todas estão ligadas umas às outras até que se saiba que tudo é Um e que tudo é o Antigo e nada está separado Dele.”

O Antigo é o nome velado para designar a divindade original, fonte de todos os seres.

O Zohar precisa ainda:

“Quando se afirma que as coisas foram tiradas do nada, não se quer falar do nada propriamente dito, pois jamais um ser pode vir do não-ser. Mas entende-se por não-ser aquilo que não se concebe nem por sua causa, nem por sua essência, é, em uma palavra, a causa das causas, é ela que chamamos o Não-Ser primitivo, porque ela é anterior ao Universo, e por aí não entendemos

somente os objetos materiais, mas também a Sabedoria sobre a qual o mundo foi fundado. Todas as coisas de que este mundo é composto, o espírito assim como o corpo, retornarão ao princípio e à raiz de onde saíram. Ele é o começo e o fim de todos os graus da criação, todos esses graus estão marcados com seu selo e não se pode nomeá-los de outra forma senão pela unidade. Ele é o Ser único, apesar das formas inumeráveis das quais está revestido."

Tudo isso é perfeitamente gnóstico. Reconhece-se nessas considerações a filosofia de Spinoza para quem Deus é ao mesmo tempo causa e substância do Universo, a de Hegel também, para quem o mundo aparente não é mais do que a manifestação do Deus primitivo inconsciente e de muitos outros filósofos modernos que se esforçaram para desenvolver os temas gnósticos sob as formas mais extravagantes.

O Zohar também estuda o Homem. Já Maimônides havia distinguido no Homem, além do corpo, duas almas, uma inteligência material, encarregada de animar o corpo, e uma inteligência comunicada, emanação da Alma universal do Mundo. Trata-se, portanto, de uma constituição tripartida do homem, tal como sempre foi ensinado pela Gnose...

Para os cabalistas, o corpo não é mais que um revestimento, mas o princípio mediano, a Psique, de nossos gnósticos, é dividida em duas almas, já que deve participar da matéria e do espírito: são Nefesh, princípio animal e sensitivo em contato imediato com o corpo, e depois Ruach, sede da vida moral e princípio de animação; Neschama permanecendo a alma espiritual, emanação divina, inteligência pura, o *pneuma* dos gnósticos.

Todas as almas preexistem no mundo divino e caem nos corpos em consequência de uma queda:

“Notem”, explica o Zohar, “que todas as almas neste mundo, que são o fruto das obras do Santo, bendito seja, não formam, antes da sua descida à terra, senão uma unidade, essas almas fazendo todas parte de um único e mesmo mistério, e quando elas descem a este mundo inferior, elas se separam em macho e fêmea e são os machos e fêmeas que se unem.”

Daí a transmigração das almas, ensinada já pelos Gnósticos na metempsicose:

“Notem”, diz sempre o Zohar, “que o Santo, bendito seja, planta as almas aqui embaixo; se elas criam raízes, tudo bem, senão, ele as arranca, mesmo várias vezes, e as transplanta, até que elas criem raízes... As transmigrações são infligidas à alma como punição e variam de acordo com sua culpabilidade. Toda alma que se tornou culpada durante sua passagem neste mundo é, em punição, obrigada a transmigrar tantas vezes quanto for necessário para que ela alcance, pela sua perfeição, o sexto grau da região de onde emana.”

Encontra-se ainda no Zohar a doutrina da Reminiscência:

“Da mesma forma que, antes da criação, todas as coisas deste mundo estavam presentes ao pensamento divino, sob as formas que lhe são próprias, assim todas as almas humanas, antes de descerem a este mundo, existiam diante de Deus, no céu, sob a forma que conservaram aqui embaixo, e tudo o que aprendem na terra, elas sabiam antes de chegar aqui.”

Eis como Adolphe Franck resume a posição do Homem, segundo o Zohar:

“O homem é ao mesmo tempo o resumo e o termo mais elevado da criação. Ele não é apenas a imagem do mundo, da universalidade dos seres, compreendendo aí o ser absoluto, ele é também, ele é sobretudo a imagem de Deus, considerado no conjunto dos seus atributos infinitos. Ele é a presença divina sobre a terra, é o Adão celeste que, ao sair da obscuridade suprema e primitiva, produziu este Adão terrestre.”

E o Rabi Simon ben Jochaï explica aos seus discípulos que “a forma do Homem encerra tudo o que está no céu e na terra, os seres superiores como os seres inferiores”.

Não se poderia dizer melhor que o Homem é Deus ele mesmo manifestado. Os humanistas da Renascença não esquecerão a lição dos rabinos. Eles representarão o Homem, todos os membros desdobrados, perfeitamente inscrito num círculo, no Ovo primitivo de onde são retirados todos os seres; os cadernos de Leonardo da Vinci e o tratado de Albrecht Dürer sobre as proporções humanas representam essa sobreposição da forma humana numa figura geométrica que quer sugerir que o homem é a medida do mundo!

Como vemos, a Cabala não é outra coisa senão a Gnose traduzida para o hebraico. O conteúdo doutrinal é o mesmo e devem ser-lhe opostos os mesmos argumentos de bom senso que uma inteligência comum não pode deixar de encontrar, desde que queira se dar ao trabalho de refletir um pouco.

Finalmente, a Serpente, inspiradora de toda essa mitologia mentirosa, não se esqueceu de si mesma. Ela explicou aos Cabalistas que não é de forma alguma a inimiga do gênero humano, mas, pelo contrário, sua protetora e patrona, que foi vítima do ciúme injusto do Demiurgo, criador da matéria, que o arcanjo São Miguel e as outras potências celestes que a haviam precipitado no abismo eram verdadeiros demônios, enquanto que Lúcifer, Belzebu e Astaroth eram a inocência e a própria luz. O reinado de Miguel e da sua milícia devia em breve terminar. Ela mesma [a Serpente] seria reabilitada e reintegrada no céu com a sua falange.

O nome da Serpente venenosa é Samael. No dia em que ele reencontrar o seu nome e a sua natureza de anjo, retirar-se-á a primeira sílaba que quer dizer “veneno” e a segunda é o termo

comum designando todos os anjos. Nada é Mau, nada é amaldiçoado. O que se chama Mal está em Deus ele mesmo a outra face do Bem.

Os místicos judeus do período talmúdico, ao refletir sobre a natureza de Deus, haviam declarado que “Deus é o lugar onde o Universo reside”; eles haviam empregado a palavra “Ma Kom”, que quer dizer “lugar”, para designar Deus. Fílon já se exprimia assim: “Deus é chamado Ma Kom (o lugar) porque ele encerra o Uni- verso”, no seu tratado *De Somniis*.

Como, então, os rabinos puderam se unir quase todos à Cabala durante a Idade Média? É algo que sempre será difícil de compreender. Com efeito, essa nova doutrina é a total inversão do ensinamento da Bíblia e particularmente do Gênesis. O que é certo é que o Judaísmo contemporâneo abandonou o culto do Verdadeiro Deus e levou esse abandono até as suas últimas consequências. M. Th. Reinach, uma autoridade em Israel, declara na *Grande Enciclopédia*, que se desprenderá do Judaísmo

“uma religião superior, conciliando a noção da divindade, alma do mundo e fonte do Bem, com os dados da ciência, que a religião ultrapassa, mas não saberia contradizer, aceitando do Cristianismo o seu princípio de fraternidade universal já proclamado pelos profetas, mas corrigindo o seu pessimismo, que só vê salvação na outra vida, por essa fé ativa na melhoria indefinida da espécie humana que é a forma moderna da esperança messiânica”.

Os humanistas na escola dos rabinos

Foi na Itália, durante a Idade Média, que a atividade literária dos judeus exerceu uma influência considerável sobre o pensamento cristão na época em que o imperador Frederico II de Hohenstaufen convidou o célebre Anatoli da Provença para traduzir para o hebraico os escritos de Averróis e, depois, para o latim as obras de Maimônides. A partir do século XIV, os escritores judeus se aproximam dos principais representantes da cultura italiana. Guido Romano estuda a filosofia escolástica e escreve tratados sobre o assunto em hebraico. Seu primo, Manoello, torna-se amigo íntimo de Dante, escreve uma espécie de Divina Comédia em língua hebraica, na qual elogia seu amigo e lamenta a morte do grande poeta florentino em um soneto em italiano.

O próprio Dante tomou como modelo para sua *Divina Comédia* o *Livro da Viagem Noturna* do místico árabe Ibn El Arabi, escrito oitenta anos antes. Esse tratado descreve, de fato, uma travessia dos três mundos do além: o inferno, o purgatório e o paraíso, com os mesmos encontros e peripécias e muitos personagens semelhantes. Ora, Ibn El Arabi era afiliado à seita mística dos “Assassinos” e seu livro havia sido traduzido para o hebraico.

Foi nesse meio intelectual que Dante buscou seu ódio ao papado. Ele coloca no inferno, na “bolgia” dos simoníacos, os papas Nicolau III, Clemente V e Bonifácio VIII, com os corpos enfiados em buracos, a cabeça para baixo, os pés para cima e os pés queimando no fogo! Eles haviam invertido a ordem estabelecida por Deus, era justo que fossem invertidos por sua vez. Eles haviam pisoteado a chama sagrada do espírito. A Santa Chama queima seus pés em troca. A Igreja acaba de sofrer

uma afronta sangrenta, de receber um tapa mais violento do que o de Nogaret na face de Bonifácio VIII. Ela ficará muito tempo abatida por isso. Os humanistas da Renascença apenas desenvolverão esse ódio satânico contra Roma, e Lutero não terá dificuldade em recolher todo esse lixo para jogá-lo na face do papado.

No século XVI, Elie del Medigo ensina publicamente em Pádua e Florença; ele é até mesmo escolhido um dia pelo senado de Veneza para arbitrar um grande encontro filosófico.

Para se constituírem professores e mestres de pensamento religioso, os escritores judeus começaram por editar sua Bíblia hebraica, depois gramáticas e dicionários hebraicos. O primeiro impressor de Mântua é um médico judeu que trabalha com sua esposa. Um outro edita em Reggio na Calábria.

Eis que nossos humanistas ficam imediatamente inquietos. A Igreja não possuía, portanto, a verdadeira Bíblia. Le Pogge se pergunta com base em quais princípios São Jerônimo havia traduzido a Vulgata. Bruni lhe responde que ler a Bíblia no original é mostrar uma desconfiança injusta em relação à obra empreendida por São Jerônimo.

Em 1482, os judeus são expulsos da Sicília e se refugiam em Florença. É lá que eles formam Pico della Mirandola (1463-1494). Sob a discreta orientação de Elie del Medigo e de Jonachan Alemanno, em voz baixa, portas fechadas, trancas puxadas, em seu quarto em Florença, Pico estuda a Cabala em escrituras misteriosas trazidas do Oriente, depois elementos de árabe e de caldeu. Ele mergulhou na ciência dos números. Ele pretende reencontrar na Cabala a encarnação do Verbo, a divindade do Messias e a Jerusalém celeste. Jesus aparece lá, ele acredita, aquele que une todas as coisas no Pai, por quem tudo é feito e de quem tudo se torna, em quem tudo se torna o sábado. Jesus é revelado desde sempre como a Palas de Orfeu, o Espírito paterno de Zoroastro, o Filho de Deus de Mercúrio, a Sabedoria de Pitágoras, a Esfera inteligível de Parmênides e o Verbo de Platão. Para ele, tudo procede por meio de símbolos, alegorias e imagens. Toda revelação é esotérica e hermética. Jesus não escreveu, mas revelou seus mistérios a seus discípulos, como nos ensina Orígenes, e segundo Dionísio, o Areopagita, estes devem se comprometer formalmente a não confiar nada à Escritura, mas a transmiti-los boca a boca.

Na Alemanha, outros rabinos formam Reuchlin (1455-1522). Em 1492, no momento em que os rabinos de Toledo e de Córdoba, expulsos da Espanha, se dirigiam para a Germânia, um judeu, médico do imperador Maximiliano, presenteou Reuchlin com um manuscrito precioso da Bíblia. Em 1494, Reuchlin publica seu livro *De Verbo mirifico*, cujo sentido era: somente os judeus conheceram Deus. Em 1498, três meses após o suplício de Savonarola, ele visita Florença, recolhe a alma do mártir entre os visionários que o pranteiam, retorna a seus estudos e publica em 1506 seus *Rudimenta hebraica* e em 1512 seu *Lexicon hebraicum*. A doutrina central da Cabala, diz ele, tem como objeto o Messias e tira sua origem imediatamente da iluminação divina. Graças a essa luz, o homem se torna capaz de penetrar o conteúdo da doutrina interpretando simbolicamente as letras, as palavras e as frases da Escritura. Ele é, além disso, tio do famoso companheiro de Lutero, Melanchton.

Na França, o neoplatonismo circula nas obras de Lefèvre d'Étaples. Os escritos do Pseudo-Dionísio exercem muito fascínio sobre os humanistas que os consideram autênticos. Em 1521, em uma

Coletânea de alegorias e sentenças morais extraídas dos dois Testamentos, vemos aparecer as fórmulas bem conhecidas sobre a Iluminação da Inteligência e a “purgação dos sentimentos”.

A penetração platônica é manifesta em um erudito hebraísta, Chéradame de Sééz. Sob o título de *Alfabeto hebraico*, ele publica, em 1529, um pequeno tratado de mística dionisiaca. Ele vê no hebraico, língua sagrada, todo um simbolismo. Essa língua foi, diz ele, ensinada diretamente por Deus; ela é, portanto, eminentemente divina. As palavras têm um sentido oculto. O triplo nome de Jerusalém lhe aparecerá, por exemplo, como o da Trindade. Ele busca nas letras, sua forma, sua consonância, sua harmonia, seu número, todo um novo sentido. Uma figura o ser de Deus, imperecível e simples, a outra, o Cristo, esta, os elementos do mundo imaterial ou as formas múltiplas da criação, aquelas, o homem, sua inteligência e seu corpo. O alfabeto hebraico encerra, assim, toda uma teologia e não é outra coisa senão a especulação neoplatônica de Hermes Trismegisto. A hierarquia dos mundos e a harmonia dos seres “não apenas nas coisas que são visíveis, mas também naquelas que o olho humano não percebe”.

Esse retorno ao platonismo é obra dos hebraístas. Poderíamos continuar assim a longa lista de escritores e de obras destinadas a difundir o pensamento judaico nos meios intelectuais da Renascença, mas a lista seria enfadonha e inútil.

Humanistas, Uma seita de iniciados

A partir do século XV, os humanistas, formados pela Cabala judaica e pelo neoplatonismo, cobriram a Europa Ocidental, exceto a Espanha, de onde os judeus foram expulsos, com uma densa rede de relações e cumplicidades ativas. Eles fizeram circular, sob o manto a princípio, e depois cada vez mais abertamente, uma infinidade de obras de violentas polêmicas anticristãs, onde insultavam o papa, zombavam das ordens religiosas com um ódio feroz contra tudo que pudesse ter cheiro de ascese, renúncia, pobreza voluntária.

Ligados entre si por um segredo comum, os humanistas praticavam um método maravilhoso e eficaz para se darem uma grande autoridade intelectual sobre a elite culta de seu tempo, evitando cuidadosamente todos os riscos inerentes à sua luta implacável. Começavam por garantir a proteção de um poderoso da época, um cardeal, um bispo, um príncipe, um rei, o próprio imperador, até mesmo o papa. Lisonjeavam-nos um a um sem vergonha. Serviam indiferentemente um ou outro. Filelfo colocou-se a serviço dos Visconti, depois da República Ambrosiana, depois dos Sforza. Pontana serviu indiferentemente os Aragoneses ou os Franceses que acabavam de expulsá-los de Nápoles. Assim que uma personalidade emergia, eles acorriam, solicitavam, adulavam.

No início de seus escritos, redigiam grandes declarações de ortodoxia para escapar da fúria dos tribunais inquisitoriais ou do Santo Ofício. Marsílio Ficino escrevia no início de suas obras:

“Em todas as coisas que foram tratadas por mim aqui ou em outro lugar, não quero apresentar nada que não tenha sido aprovado pela Igreja.” (*“Tantum adsertum esse volo, quantum ab Ecclesia comprobatur”*.)

Eis, por exemplo, a história de Lorenzo Valla. Nascido em Roma em 1415, estudou história, declarou que a famosa doação do imperador Constantino à Santa Sé era uma falsificação. Então insultou o papa, afirmou que uma cortesã era mais útil à sociedade do que uma religiosa, alegou nunca ter encontrado um papa honesto e acrescentou uma série de outras gentilezas desse tipo. Teve que fugir e refugiou-se junto de Afonso, o Magnânimo, rei de Nápoles e protetor dos homens de talento (entenda-se, dos humanistas), em 1445. Mas Valla era também violento e briguento; manejava a espada ainda melhor do que a pena e a polícia napolitana começava a se interessar por ele. Uma tempestade ameaçava. Felizmente, ele também havia escrito algumas insanidades sobre a Trindade e o livre-arbítrio. Foi condenado a ser queimado vivo pela Inquisição. Mas o rei Afonso interveio. Valla escapou de ser açoitado no claustro de São Joaquim. Estávamos em 1447. Ele retornou depois a Roma, onde teve a sorte de encontrar o papa Nicolau V. Imediatamente o papa lhe concedeu uma pensão; tornou-se cônego, curial e professor, elogiado e famoso.

Uma aventura semelhante pode ser lida na história da Academia de Roma. Vemos surgir ali uma verdadeira sociedade secreta de humanistas.

Um dia, o papa Paulo II (1464-1471) demitiu do colégio dos “abreviadores da chancelaria romana” vários humanistas e os substituiu por outros mais seguros do ponto de vista doutrinário. Durante vinte meses, eles cercaram as portas do palácio pontifício sem conseguir serem admitidos. Um deles, Platina, escreveu então ao papa para ameaçá-lo de ir ter com os reis e os príncipes e convidá-los a convocar um concílio perante o qual Paulo II teria que se desculpar de sua conduta para com eles. Essa insolência o fez ser levado ao castelo de Santo Ângelo; o resto da tropa reuniu-se em casa de um deles, Pomponio Leto. Assim nasceu a Academia Romana, da qual o historiador Gregorovius nos diz que funcionava “como uma loja maçônica clássica”.

Para evitar processos, os membros desta Academia se reuniam nas catacumbas. Eles celebravam o seu Natal no aniversário da fundação de Roma. O seu papa era Pomponio Leto, “é o oráculo das boas letras, diz-nos Antônio de Verona, o chefe singular das Musas, o Soberano Pontífice” (*Maximus Pontifex*). Platina era chamado de “*pater sanctissimus*”. Este último, Callimachus, Luca Tolosa e seus amigos também

“se divertiram com as histórias dos romanos, gostaram delas e para que Roma voltasse ao seu primeiro estado, deliberaram tirar esta cidade da sujeição dos padres”.

O Papa Paulo II preocupa-se; nos últimos dias de fevereiro de 1468, a polícia pontifícia prende os membros da Academia sob a acusação de lesa-majestade pontifícia e conspiração: eles haviam planejado simplesmente assassinar Paulo II e proclamar a República. Pomponio Leto havia fugido para Veneza. Ele é trazido de volta e preso com os outros no Castelo de Santo Ângelo.

Mas o papa seguinte, Sisto IV, apressa-se a tirar os prisioneiros de sua masmorra. Todos os membros da Academia Romana recuperam seus antigos cargos. Platina é nomeado bibliotecário do Vaticano, Pomponio é restabelecido na Sapienza. As reuniões da Academia são retomadas. E continua-se a sacrificar a São Vitório, a São Fortunato, a São Genésio: são nomes transparentes, a

Vitória, a Fortuna e o “Genettiaco” da cidade eterna. Em 1483, o imperador Frederico concede à Academia Romana, que se recuperou definitivamente, o direito de criar doutores e coroar poetas. E o jogo está feito; os subversivos são os mestres do terreno na própria Roma, no centro da cristandade.

Outra sociedade secreta... Em 1545, Sozzini ou Socinus, ou Socin, nascido em Siena em 1525, funda em Vicenza uma sociedade secreta para a destruição do cristianismo, que queria substituir por um puro racionalismo. Em 1546, ele organiza uma conferência em Vicenza para onde vêm delegados de toda a Europa, unidos pelo seu ódio a todo o cristianismo. Durante esta conferência, foi acordado o meio de destruir a religião de Jesus Cristo, formando uma sociedade secreta. O apóstata Ochin, antigo geral da ordem dos Capuchinhos, estava presente neste encontro e foi um dos mais virulentos. O papa Paulo III, informado desta conferência de Vicenza, enviou uma carta à República de Veneza para sinalizar este perigoso foco de corrupção. Júlio Trevisan e Francisco de Lugo foram presos e executados. Os outros, incluindo Ochin e Lelio Sozzini, conseguiram fugir. Tornaram-se na Europa os propagadores de uma nova doutrina que pretendia construir sobre as ruínas da Igreja um templo que aceitaria todas as crenças, desde o livre-pensamento até ao culto de Lúcifer. Eis os primórdios do ecumenismo. Após a morte de Lelio, seu filho, Fausto Sozzini (1539-1604) foi seu zeloso continuador. Adriano Lemmi, antigo Grão-Mestre do Grande Oriente da Itália, apresentou, durante a sua eleição, a 29 de setembro de 1893, Lelio Sozzini como o verdadeiro pai da Maçonaria.

A cumplicidade das grandes autoridades políticas e religiosas é considerável nesta difusão das seitas anticristãs durante o Renascimento. Papas, reis, imperadores, cardeais tornaram-se os protetores zelosos e eficazes daqueles que preparavam a sua própria queda. Cegueira culposa.

Um dia, quando Erasmo, assustado com as consequências violentas de uma Reforma protestante que ele havia singularmente contribuído para fomentar, escrevia sua decepção ao seu amigo, o príncipe Alberto de Carpi, este respondeu-lhe colocando de volta as verdadeiras responsabilidades:

“Os príncipes eclesiásticos e leigos, escreve ele, colhem agora os frutos da semente que eles espalharam em profusão, ou que pelo menos favoreceram o crescimento. São os poetas que mais contribuíram para incitar na Alemanha a revolta contra a Igreja e a Sociedade. São eles que encorajaram todas essas violações do direito que testemunhamos todos os dias. Mas quem apoiou esses homens? São os dignitários eclesiásticos e mesmo os de mais alta patente. Eles mantiveram nas suas cortes voluptuosas essas pessoas com tendências semi-pagãs que lançam desprezo sobre tudo o que permaneceu querido ao povo e não têm outro objetivo senão a derrubada de tudo o que existe.”

Esta carta é extraída das *Lucubrationes* nas quais Erasmo, desapontado com os resultados da reforma luterana, havia reunido documentos na última parte de sua vida.

O culto de Platão

Segundo Platão, os objetos que chamamos de “reais” são, na verdade, apenas reflexos do mundo eterno das Ideias, onde se encontram, dotados de vida real, os modelos desses objetos. Nossas sensações ligadas ao corpo perecível nos fazem conhecer apenas aparências e é somente através do conhecimento (a “Gnose”) que nossa alma pode se elevar gradualmente até a contemplação das Ideias puras. Essa alma eterna viveu outrora no mundo superior das Ideias e para lá retornará quando for libertada da prisão do corpo. Ela guardou uma reminiscência confusa que lhe permite acessar a contemplação das Ideias sem recorrer ao raciocínio.

Não se vê onde Deus poderia se encaixar nessa filosofia, senão como Demiurgo, fabricante da matéria. De fato, as grandes teses do Platonismo estão em contradição manifesta com a Fé cristã. A Igreja sempre condenou a natureza divina da alma, sua preexistência e suas transmutações. Ela afirma que Deus é o único criador de tudo e, portanto, que esse mundo das Ideias não existe. Compreendemos também que essas teses condenadas pela Igreja são comuns a Platão, à Gnose clássica e à Cabala judaica. Cada vez que, na história do pensamento cristão, se assiste a um impulso gnóstico, ele sempre se realiza sob a forma de uma invasão do Platonismo. Foi eminentemente o caso do Humanismo na época do Renascimento.

Já Petrarca, no século XIV, havia lido vários diálogos de Platão, no texto original trazido de Constantinopla, e se apaixonado por essa filosofia que opôs em vários tratados à de Aristóteles. Foi ele quem preparou o caminho para Bessarion e Marsilio Ficino . Ele zomba do ensino da escolástica, declara que os doutores em silogismo são falastrões “inchados de nada, trabalhando sem cessar no vazio e se exercitando em futilidades”. Ele se irrita com o respeito supersticioso com o qual a Escola cerca Aristóteles. Sente-se em seus ataques violentos a embriaguez da liberdade de exame. E, no entanto, ele é recebido na corte do papa em Avignon. Esta não compreende as consequências de tais demolições.

Mas foram sobretudo as obras do cardeal Bessarion que exerceram uma influência capital sobre o movimento dos espíritos. Após seu retorno de Constantinopla, ele se tornou o mentor dos humanistas. Ele defendeu a causa de Platão contra seus detratores em vários tratados: *De natura arte, In calumniatorum Platonis*.

“Preferir Aristóteles a Platão, diz ele, é algo permitido, mas acusar este último de ignorância em tudo, é fazer um libelo e não um paralelo.”

Por meio de uma defesa tão erudita e calorosa de Platão, ele quer mostrar que as audaciosas especulações da Academia não merecem as desconfianças da Idade Média e que, seguindo os Padres mais ilustres, era possível se elevar da filosofia platônica às verdades da religião. Ele ensinou pelo seu exemplo que, no domínio da razão, é preciso evitar todo exclusivismo e que o amor que se sente por um grande espírito não deve fechar os olhos para os méritos de outro:

“Honro e venero Aristóteles, escreve ele mesmo, e amo Platão.”

Percebe-se bem para onde seu coração pende. O respeito aparente por Aristóteles é apenas o meio de atrair os espíritos para Platão e todos os humanistas, que o entenderam muito bem, não se conterão mais para rejeitar com desprezo e violência toda a escolástica. Foi Bessarion quem lançou o movimento.

Finalmente, é em Florença, sob a proteção dos Médici, que o culto a Platão vai ganhar toda a sua amplitude. Durante seu exílio provisório, Cosme de Médici acolhe os sábios gregos que os turcos expulsaram: Argyropoulos, Demétrius Chalcochondyles, Jean Lascaris, o cardeal Bessarion, o velho Gemisto Pleto e outros. Em seu retorno a Florença, ele funda a Academia Platônica, cuja presidência confia ao filho de seu médico pessoal, Marsilio Ficino . Nascido em 15 de outubro de 1433 em Florença, tornado cônego da igreja de São Lourenço, ele é recebido por Cosme, que lhe abre suas mais belas vilas, seus jardins floridos à sombra de pinheiros, ciprestes e lariços:

“Ainda ontem, escreve Cosme a Marsilio, cheguei à minha vila Careggi, menos com o desejo de melhorar minhas terras do que de me melhorar. Venha me ver, Marsilio, assim que puder e não se esqueça de trazer consigo o livro de seu divino Platão sobre o Soberano Bem. Não há esforço que eu não faça para descobrir a verdadeira felicidade. Venha e não se esqueça de trazer consigo a lira de Orfeu.”

O primeiro trabalho da Academia de Florença é derrubar Aristóteles, esse colosso erguido sobre o formidável pedestal da “Suma Teológica”. A estrela de Platão, apagada com o fim da Escola de Alexandria, se ergue no horizonte e a humanidade pensante será dividida em dois campos, ela será aristotélica ou platônica. Mais do que uma escola, a Academia é uma religião, um fervor ardente e puro reunindo em um culto público todos os fiéis de Platão. Marsilio Ficino é a alma, a vida.

Platão morreu, deitado em um banquete aos 81 anos, número perfeito, pois se obtém multiplicando 9 por 9. Retoma-se o hábito de celebrar sua morte em 7 de novembro, costume que havia se perdido desde Plotino e Porfírio. Platão é a Verdade, corroborada por Santo Agostinho que pôde dizer “que, por pouco, os platônicos são cristãos”. Estudam-se as grandes questões levantadas pelo Mestre: o homem é livre ou não? A Natureza age com desígnio ou não? Ela está consciente do objetivo para o qual tende ou não? Ela oferece uma essência divina? A reflexão é imanente à Natureza? Ela pertence propriamente ao Espírito divino que governa a Natureza?

A alma não é o corpo, diz ainda Marsilio Ficino , é a alma que sente e não o corpo; a alma repele o corpo. Ela não habita a terra, ela não é senão um hóspede divino que deve retornar à sua pátria celeste. Ela caiu em decorrência de uma queda, ela deve transmigrar para retornar ao mundo perfeito de onde veio. Platão, que de fato não é senão um habilidoso encenador das doutrinas orientais ensinadas por Pitágoras, torna-se em sua boca uma espécie de Messias; seus discípulos são apóstolos. Marsilio permanece prostrado diante de todos os platônicos, Justino, Orígenes, Clemente, Filo, que buscam conciliar o Gênesis e o Timeu, diante de Numênio, que afirma que toda a teologia está contida nos diálogos de Platão. Ele envolve Platão com uma auréola. Platão é o precursor:

“Nosso Platão”, exclama ele, “com razões pitagóricas e socráticas, segue a lei de Moisés e prediz a lei de Cristo.”

Que digo eu, Platão é o próprio Deus e seus mistérios são divinos. Diz-se que Marsilio acende uma vela dia e noite diante do busto de Platão. Ele o prega na igreja dos Angeli em Florença:

“No meio desta igreja, queremos expor a filosofia religiosa de nosso Platão. Queremos contemplar a verdade divina nesta morada dos Anjos. Entremos nela, caríssimos Irmãos, com um espírito puro.”

Ele acrescenta:

“Certamente descobri que Numênio, Filo, Plotino, Jâmblico, Proclo buscaram seus principais mistérios em João, Paulo, Dênis, o Areopagita, porque tudo o que os platônicos dizem sobre o espírito divino, os anjos e outras coisas da teologia, eles tiraram deles...”

Em 1460, Cosme compra o *Corpus Hermeticum* e se apressa em mandá-lo traduzir por Marsilio. Ambos ficaram eletrizados com a descoberta desta revelação primordial; os textos herméticos eram supostamente pré-mosaicos e pensava-se então que eles haviam inspirado Moisés, Pitágoras e Platão. Foi somente em 1614 que Isaac Isaac}Casaubon demonstrou que eles não eram anteriores ao século II de nossa era. Na mesma época, o papa Alexandre VI (1492-1503) havia mandado pintar no Vaticano um afresco, destruído desde então, mas repleto de símbolos herméticos e egípcios. Foi através do *Corpus Hermeticum* que a Gnose mais clássica conseguiu penetrar no Humanismo renascente.

Como seu avô Cosme, Medici, o Magnífico, cultivava a filosofia platônica, como um verdadeiro discípulo de Ficino. “Sem Platão”, gostava de dizer, “eu me sentiria incapaz de ser um bom cidadão e um bom cristão.” Pico della Mirandola é seu conselheiro íntimo. Medici escreve hinos: o canto “*Orazione Magna Dea*”, o hino “*Oda il sacra inno tutta la Natura*”, Ode ao sagrado contido em toda a Natureza. Neles se encontra a ideia de que o mundo é encarado como um grande Cosmos físico e moral, que é a reprodução de um modelo preexistente; encontra-se também que a alma pode, por meio do Conhecimento (a Gnose), fazer entrar o Ser infinito no círculo estreito que ela abrange e depois se estender ela mesma indefinidamente, graças ao amor divino. Tal é a verdadeira felicidade na terra.

Este culto a Platão é complementado por uma atitude curiosa em relação a Aristóteles. Marsilio Ficino o considera como um caminho para conduzir a Platão:

“Aqueles se enganam completamente que pensam que a disciplina peripatética e a disciplina platônica são opostas, porque o caminho não pode ser contrário ao objetivo.”

Pico della Mirandola acrescenta que “não há questão natural e divina em que Aristóteles e Platão não concordem sobre o sentido e a coisa, ainda que pareçam diferir pelas palavras”. O que é uma manifesta inverdade.

Pico preparou uma obra: *Concordia Platonis et Aristotelis* que a morte o impediu de terminar. Mas a guerra é declarada ao Aristóteles da Idade Média, ao “filósofo” por excelência de São Tomás de Aquino. Só se conhece mais o Aristóteles pagão interpretado de maneira panteísta por Averróis.

E essa evolução no pensamento cristão se reflete na história da arte nessa época. Enquanto os velhos pintores, como Francesco Traini, Benozzo Gozzoli e Taddeo Gaddi representavam São Tomás, o Anjo da Escola, dominando Aristóteles e pisoteando Averróis, “o Anticristo”, Rafael, na Escola de Atenas, opõe aos doutores cristãos os mestres da Sabedoria grega, Platão e Aristóteles, lado a lado, a filosofia pagã diante da Teologia.

O culto do homem divinizado

O homem, essa centelha divina caída no mundo, é de natureza e origem divina. Ele é “*imago mundi*”, microcosmo no macrocosmo, ou seja, a reprodução aqui na terra do mundo divino. Somente ele é Deus. Ele é, inclusive, o florescimento de toda a Natureza em sua perfeição. Os humanistas repetiram isso de todas as formas. “O homem”, diz Leone Baptista Alberti, “pode tirar de si tudo o que quer.” “A natureza de nosso espírito é universal”, diz Matteo Palmieri. “Nascemos nesta condição”, diz Pico della Mirandola, “para que sejamos o que queremos ser.”

“O homem”, diz Marsilio Ficino, “se esforça para permanecer na boca dos homens para todo o futuro. Ele sofre por não ter podido ser celebrado por todo o passado, por todos os países, por todos os animais... Ele mede a terra e o céu, examina as profundezas do Tártaro, e o céu não lhe parece muito alto, nem o centro da terra muito profundo. E, como ele conheceu a ordem dos céus e quem move esses céus, e para onde eles vão, e suas medidas e seus produtos, quem negará que ele tem quase o mesmo gênio que o autor desses céus e que, de certa forma, ele mesmo poderia criá-los?... O homem não quer igual ou superior, ele não tolera que haja acima dele algum império do qual ele seja excluído. Esse é apenas o estado de Deus. Ele se esforça em todos os lugares para comandar, para ser louvado em todos os lugares. Ele se esforça para ser em todos os lugares como Deus. Como Deus, ele se esforça para ser sempre.”

Estas fórmulas tiradas de sua *Theologia platonica*, são comentários do “*Eritis sicut dei*”, promessa da Serpente a Adão. No entanto, percebe-se nesses textos uma raiva surda contra Deus. O Homem gostaria muito de ser divino; mas é nele um “esforço” voltado para o futuro e não uma realidade

atual. Este culto do Homem está em devir.

Pico della Mirandola publica um *Discurso sobre a dignidade do Homem*. Para terminar a obra da criação, Deus fez o Homem, para que ele conhecesse as leis que regem o Universo, que animasse sua beleza, que admirasse sua grandeza. Ele não o condenou a viver no mesmo lugar, como as plantas, ele não acorrentou sua ação e sua vontade, como para os animais, mas lhe deu a liberdade de agir a seu bel-prazer, de ir e vir:

“Eu te coloquei no meio do mundo, diz o criador a Adão, para que pudesses mais facilmente passear o olhar ao seu redor e ver melhor o que ele encerra. Ao fazer de ti um ser que não é nem celeste, nem terrestre, nem mortal, nem imortal, eu quis te dar o poder de te formar e de te vencer a ti mesmo. Podes descer até o nível da besta e podes te elevar até te tornar um ser divino. Ao virem ao mundo, os animais têm tudo o que devem ter, mas os espíritos de uma ordem superior são desde o início ou, pelo menos, logo após sua formação [alussão à queda de Lúcifer e de seus partidários] o que devem ser e permanecer na eternidade. Somente tu podes crescer e te desenvolver como quiseres, tens em ti os germes da vida sob todas as formas.”

A partir de um pensamento muito justo, de que o homem foi colocado por Deus nos confins do mundo material e do mundo espiritual, Pico della Mirandola falsifica o plano divino. Jamais Deus revelou a Adão que ele poderia um dia se tornar divino. Ele apenas pediu a ele que reinasse sobre a criação como homem e que homenageasse seu criador respeitando a ordem desejada por ele, ou seja, a ordem da Vida e a distinção do Bem e do Mal, as duas árvores sagradas do Paraíso. Ora, Pico della Mirandola afirma que Deus também teria dado ao homem a faculdade de se divinizar por si mesmo à sua vontade. Como este último poderia adquirir essa faculdade, se ele não a possuísse já por sua própria natureza?

Este discurso foi enviado a Roma, examinado por um colégio de sábios apostólicos e autorizado a ser publicado em 1486. Em seguida, objeções surgiram contra “este mago ímpio, novo herege”; o papa Inocência VIII suspeitou das teses do jovem, “envolvidas em vocábulos novos e insólitos”. Ponto, é tudo. Diante de uma invasão da Gnose, tirada da Cabala, a autoridade suprema mostrou uma singular indulgência.

Tal é o ideal de todos os humanistas. Já no início do século XVI, Coluccio Salutati havia escrito os *Trabalhos de Hércules*:

“O céu”, diz ele, “pertence por direito aos homens enérgicos que sustentaram grandes lutas e realizaram belos trabalhos na terra.”

Trata-se, portanto, de uma conquista por pleno direito. O Homem tira de suas próprias forças seu fim último e sua perfeição. O Homem é um Deus em devir. Coluccio Salutati era o mestre de

Poggio Bracciolini. Seus discípulos povoaram o colégio dos secretários apostólicos, os “abreviadores” de que falamos, instalados em Roma, no centro da Cristandade.

Em sua *Utopia*, Thomas More propõe como exemplo a busca desenfreada pelos prazeres naturais que fazem “o tempero e o charme da vida”. Ele foge “de toda volúpia que impediria de desfrutar de uma volúpia maior ou que seria seguida por alguma dor”. Ele exalta a saúde e se proíbe de sacrificar, pelo jejum e pela abstinência, “a um vão fantasma de virtude”. Ele é ávido por felicidade. Nada é negligenciado para obtê-la. Em Utopia, as pessoas se casam: as núpcias são precedidas por um exame nupcial:

“Uma senhora honesta e séria apresentará ao noivo sua noiva, filha ou viúva, em estado de nudez perfeita, e reciprocamente, um homem de probidade comprovada mostrará à noiva seu noivo, no mesmo estado de simplicidade.”

A honra da Cidade quer cidadãos de nobre raça, prestes, vigorosos, amando a saúde, o lazer, as alegrias da vida. A beleza e a robustez do corpo são os sinais dessa exaltação do homem divinizado.

A *Utopia* foi publicada em novembro de 1516, em Louvain. A obra imediatamente conquistou a estima de todos os grandes humanistas, entre os quais Guillaume Budé e Erasmo. Ela só foi traduzida para o francês em 1550 por Jean Le Blond; mas já em 1532, a própria palavra faz sua aparição no vocabulário francês com Rabelais . Seu *Pantagruel* se inspira na *Utopia* de Thomas More, mas com ainda mais impudência.

A Abadia de Thélème (em grego, vontade livre) é construída às margens do Loire “ao contrário de todas as outras”. Sem muros exteriores, sem relógio; homens e mulheres ali praticam um triplo voto de “casamento, riqueza e liberdade”; é bem a inversão da perfeição cristã: “castidade, pobreza e obediência”.

“Foi ordenado que ali não seriam recebidos senão os bem formados e bem-nascidos e as belas, bem formadas e bem-nascidas... Foi constituído que ali se pudesse casar, que cada um fosse rico e vivesse em liberdade.”

Uma grande placa é colocada na porta de Thélème e proíbe a entrada a “hipócritas, beatos, beatolas”, pessoas da justiça e usurários; apenas são admitidos os “nobres cavaleiros, as damas de alta estirpe, flores de beleza, com rosto celestial, com porte prudente e sábio” e os cristãos evangélicos. “Entrem, que se funde aqui a fé profunda! Então que se confunda e por voz e por papel os inimigos da santa Palavra.” Trata-se de conciliar o desabrochar total da natureza humana com um suposto cristianismo voltado às suas origens.

Mas estamos nos antípodas da fé cristã:

“Em sua regra, não havia senão esta cláusula: Faça o que quiser, porque pessoas bem nascidas, bem instruídas, conversando em companhia honesta, têm por natureza um instinto e aguilhão que sempre as impulsiona a fazer o que é virtuoso.”

Isso as impulsiona, de fato, de uma maneira ainda mais imperiosa, pois a moral aqui consiste na satisfação de todos os instintos. Elevar ao mais alto grau de intensidade a humanidade que se carrega em si, a “virtude”, tal é a lei moral. O “Homem universal” deve desenvolver harmoniosamente todas as felizes disposições de seu corpo, todas as faculdades de sua inteligência. Lá onde a Igreja afirma que a curiosidade de Eva perdeu a humanidade, os humanistas fazem da curiosidade insaciável e dirigida a todos os lugares a principal das virtudes; lá onde a Igreja ensinava a humildade em uma ignorância respeitosa do mistério, eles colocaram seu ideal no Conhecimento (a Gnose).

Finalmente, em Thélème, não há igreja. Cada um dos 9.332 quartos dispõe de uma capela particular: a religião reduzida à satisfação de um sentimento totalmente individual, fantasia indefinidamente modificável ao gosto de cada um.

Além disso, que necessidade o Homem divinizado tem de um Deus? Ele se cria a si mesmo, rejeita toda marca de uma vontade divina pretendendo se exercer sobre a existência aqui na terra. A sociedade utópica é vazia de Deus, porque ela mesma dispõe dos atributos da divindade. Ela renegou Deus para se entregar à adoração dos homens. Como diz muito bem Jean-Philippe Delsol, os humanistas

“não clamavam ainda a morte de Deus, mas preparavam involuntariamente [?] a liteira na qual os séculos seguintes o deitarão antes de o enterrar”.

E esse culto do Homem se manifesta até mesmo na arte da época. Todo o pensamento de Leonardo da Vinci, por exemplo, está embriagado de paganismo, exaltado por costumes voluptuosos e violentos, com a pretensão de reencontrar a beleza original e de inventar a ciência. Seu São João, colocado em uma solidão esplêndida, aparece como um deus da volúpia. Em seu olhar, explodem os ardores da paixão e de todas as audácias do Espírito. De sua boca se ouve o antigo grito pagão de Evohé. A Mona Lisa permanece na entrada de um labirinto estranho formado por rochas bizarras e riachos sinuosos que fogem nas névoas do horizonte. Tranquila e sorridente, a sereia espera com um brilho pérfido nos olhos e sobre os lábios finos e cerrados, o charme mortal da mentira.

O que resta de verdadeiramente cristão nesses São Sebastões parecidos com Adônis, nessas Madonas que são Vênus disfarçadas?

Até mesmo na arte funerária, percebe-se essa exaltação da vida divinizada. O aparato da morte se envolve em um elogio à vida e glorifica a majestade e a beleza do vivente. Chega de “pranteadoras” que escoltam o “jazente”. O morto é como que por milagre, ressuscitado. Ele se

levanta do caixão, levanta a tampa, apoia o cotovelo na borda do túmulo e parece conversar com os seus que vieram lhe visitar. Em breve, ele caminhará, ele argumentará...

O culto da serpente: rumo ao ecumenismo

No século XVI, a Serpente se torna modesta e ainda não clama vitória, como fará no século XIX na fúria romântica. Mas ela sabe se tornar insinuante. Ela murmura discretamente aos ouvidos dos humanistas. Ouçam-na! Seu lema é o Ecumenismo. Todas as religiões são válidas, todas são excelentes em seu domínio, mas sigam-me e eu lhes ensinarei a verdadeira religião, a da Felicidade e da Liberdade.

Gemisto Pleto sonhou com uma tripla revolução religiosa. Ele adora um Deus hiperbóreo, ele anuncia uma nova religião que não será “nem de Cristo, nem de Maomé, mas não difere essencialmente do paganismo”. Ele publica seu opúsculo em 1489 em Florença.

Luigi Pulci publica seu *Morgante maggiore*, confessa que acredita na bondade relativa de todas as religiões. É o demônio Astaroth quem diz isso no capítulo 25 de seu poema. Antes pensava-se que era preciso ser ortodoxo ou herético, ou cristão ou muçulmano. Pulci cria a figura do Gigante Margotte, que ri de todas as religiões, professa o egoísmo mais material, se entrega a todos os vícios. No capítulo 16, ele completa o ensinamento de Astaroth com um discurso deísta da bela pagã Antéa, que é a expressão mais clara das opiniões que corriam entre os companheiros de Lourenço de Medici.

O demônio Astaroth frequentou a Academia Platônica, leu toda a obra de Marsilio Ficino, ouviu o astrônomo Lorenzo Buonincontri, comentou o *Astronomicon* de Manilius. Ele tem sua opinião sobre Deus, a Trindade, o livre-arbítrio, a queda e a eterna danação dos Anjos. O necromante Malagigi o evoca para ter notícias de Rinaldo. O próprio Astaroth entrou no cavalo de Rinaldo, que ele traz do Egito. Ele lhe revela pela boca de sua montaria que, além das colunas de Hércules, existem cidades e um povo chamado “Antípoda” onde se adora o Sol, Júpiter e Marte. Cada religião, diz ele, é agradável a Deus, contanto que seja sincera. Somente a fé cristã é verdadeira, é claro, e os judeus e os maometanos serão condenados. Mas eles não perderão nada com isso, pois até no inferno se encontra “gentileza, amizade e cortesia”.

Corre entre todos os humanistas uma admiração discreta pelo Islã. Atribui-se a ele um ideal de generosidade, dignidade e orgulho. Exalta-se tal ou tal sultão, principalmente Saladino, como Boccaccio no *Decameron* ou no *Comento di Dante*. Em Masaccio, exaltam-se sultões, o rei de Fez, o rei de Túnis. Fazio degli Uberti exalta “*el buono Saladin*” em seu *Il Dittamondo*. Também é preciso ouvir as declarações furiosas contra o papa Pio II, quando ele convoca uma cruzada contra os turcos, um Piccolomi, no entanto, um grande amigo dos humanistas...

A Astrologia também vem bem oportunamente em socorro do Ecumenismo. São autores árabes e judeus que difundem então essa teoria de que cada religião depende dos astros. Baptista Mantuan, em seu *De Sapientia* explica que a conjunção de Júpiter com Saturno havia produzido a doutrina hebraica, a de Júpiter com Marte havia dado origem à religião caldeia, a religião egípcia era o fruto da conjunção de Júpiter com o Sol; Júpiter, em conjunção com Vênus havia criado o Maometismo, em conjunção com Mercúrio, ele havia gerado o Cristianismo. Como se vê, as religiões estão sob a

dependência direta dos Arcontes de nossos gnósticos, dos Sefirot de nossos cabalistas, que são as verdadeiras divindades regentes dos astros. Nota-se também que o Arconte, mestre do Cristianismo, é Mercúrio, ou seja, Hermes, o três vezes muito grande, o “Trismegisto”: foi ele quem foi formado pelo “Pastor” o Poimandres, ou seja, o Cristo, o último dos Grandes Iniciados.

Ainda mais insinuante, o demônio inspira aos poetas do Renascimento os argumentos que nossos modernistas se divertiram em desenvolver desde o século passado e que são retomados hoje por nossos modernos gnósticos.

Um certo Teódulo (Theodulus é nome familiar) publica uma écloga na qual ele coloca em cena Pseustis, a Mentira, e Alithéa, a Verdade. Dois pastores que, à moda de Virgílio, travam uma luta dialética. Phronesis, a Sabedoria, é tomada como árbitra e, enquanto Pseustis conta as fábulas da antiga Grécia, Alithéa lhe opõe os maravilhosos relatos da Bíblia. Conclui-se que a Verdade permanece vitoriosa. Mas que demolição nesse meio tempo! Se Alithéa fala de paraíso terrestre, é porque Pseustis cantou a idade de ouro, o reino de Saturno. Se ela conta a história de Adão expulso do Paraíso, seu adversário mostrou Saturno destronado por Júpiter, a idade de ouro substituída pela idade de prata. Vê-se de um lado Cécrope instituir o culto idolátrico, do outro Abel e Caim oferecer sacrifícios. Depois vem Licaon com Enoque, o dilúvio de Deucalião com o dilúvio de Noé. Hebe é suplantada por Ganimedes e o corvo é amaldiçoado pelos animais porque não trouxe em sua volta a notícia da Salvação. Aqui os Titãs travam guerra contra o Olimpo e ali, Babel se ergue contra o céu, Dédalo causa a perda de seu filho Ícaro e Abraão sacrifica Isaac, etc.

Poderia-se inferir de tais concordâncias, que os elementos da humanidade primitiva haviam se transmitido oralmente e se deformado ao longo dos séculos, que a imaginação havia adicionado muita fantasia, mas que o Gênesis havia conservado a tradição mais autêntica. Os humanistas tiraram outra conclusão, que todas as religiões, a cristã como as pagãs, eram deformações de uma Tradição primitiva perdida e a Serpente estava ali, bem perto de seus ouvidos, para lhes sussurrar que ela era a única que a conhecia de verdade e que, se quisessem ser iniciados nela, eles precisariam passar pelo Conhecimento (a Gnose).

Os humanistas praticam habitualmente a mistura das duas inspirações, a cristã e a pagã. Pio II escreve ao sultão de Constantinopla que “o Cristianismo não é senão uma nova lição mais completa do Soberano Bem dos antigos”.

Leone Baptista Alberti, já citado, comenta segundo um método semelhante os seis primeiros livros da Eneida de Virgílio. As viagens que levarão Eneias até a Itália, que representa a Sabedoria (a Sofia dos gnósticos), simbolizam a ascensão gradual da alma terrestre em direção à contemplação da pura divindade. Ideia totalmente gnóstica.

Pico della Mirandola, no *Heptaplus*, interpreta o relato do Gênesis como o conteúdo dos segredos de toda a Natureza, de modo que a história da Natureza é a história do Espírito divino.

O Ecumenismo contém necessariamente o Panteísmo e o culto do Homem substituído pelo culto de Deus. Ele é a religião da Serpente.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Gnose e Platonismo

- Pierre de LABRIOLLE: *A reação pagã. Estudo sobre a polêmica anticristã do século II ao VI.* Artisan du Livre, 1934. Absolutamente notável, complementado por:
- Gustave Bardy: *A conversão ao Cristianismo nos primeiros séculos.* Aubier, 1949.

Sobre o Pitagorismo, uma exposição bem completa em:

- Jérôme CARCOPINO: *A basílica pitagórica da porta maior.* Artisan du Livre, 1927.
- PITÁGORAS: *Os Versos de Ouro*, seguido de HIÉROCLES: *Comentário sobre os Versos de Ouro de Pitágoras.* Tradução nova com prolegômenos e notas por Mario Meunier. Artisan du Livre, 1925.

Sobre Santo Agostinho:

- Louis Bertrand: *Santo Agostinho*, Fayard, 1913. Biografia elegante e colorida.
- Jean-Marie LE BLOND: *As conversões de Santo Agostinho*, Aubier, 1950. Muito importante.

Gnose e Humanismo

Sobre a Cabala Judaica:

- Jean MARQUES-Rivière: *História das doutrinas esotéricas*, Payot, 1940.

Uma exposição mais simples e clara em:

- Joseph BONSIRVEN: *Sobre as ruínas do Templo; o Judaísmo depois de Jesus Cristo*, Grasset, 1928.

Utilizamos sobretudo:

- Mons. E. JOUIN e V. DESCREUX: *Bibliografia ocultista e maçônica.* Revue internationale des Sociétés secrètes e Émile-Paul Frères, 1930. Contém informações muito detalhadas sobre os ocultistas e alquimistas do Renascimento.

Sobre o Renascimento dos Humanistas, uma obra notável, bem completa e muito perspicaz:

- Philippe MONNIER: *O Quattrocento. Ensaio sobre a história literária do século XV italiano.* 2 vol. Libr. Acad. Perrin, 1912. Principalmente os capítulos sobre "A Academia Platônica".

Consultar também:

- Jacob BURCKHARDT: *A civilização na Itália na época do Renascimento*. Tradução de M. Schmitt. 2 vol. Plon, 1906. Obra que contém muitas informações pouco conhecidas, mas escrita por um protestante muito antimonarquista.
- Jean GUIRAUD: *A Igreja e as origens do Renascimento*. Lecoffre, 1902. Minimiza, por preocupação com a apologética, a grave responsabilidade dos papas nesta invasão do Humanismo.
- Fr. FUNCK-BRENTANO: *O Renascimento*, Fayard, 1935. Contém páginas muito bonitas sobre os Humanistas e Erasmo.

A propósito dos Utópicos do Renascimento:

- Jean-Philippe DELSOL: *O perigo ideológico*. Nouv. Éd. Latines, 1982. O autor mostra bem as consequências atuais da subversão religiosa iniciada no século XVI.
- André MERLAUD: *Thomas More*. SOS, 1973. Muito elogioso. Falta uma crítica séria de sua "Utopia".

Gnose e Tradição

Partimos de:

- Georges GOYAU: *O pensamento religioso de Joseph de Maistre*. Lib. Acad. Perrin, 1921. Primeira obra a notar a impregnação maçônica em toda a obra de J. de Maistre.
- Émile DERMENGHEM: *Joseph de Maistre, místico*. La Colombe, 1946. Complementa a obra de Georges Goyau, mas deve ser lido com prudência, pois o autor mistura suas concepções pessoais com o pensamento maistriano.

Sobre o conjunto dos "tradicionalistas":

- J. BARBEY D'AUREVILLY: *Os profetas do passado*, V. Palmé, 1880.

A reler com atenção.

- Albert GARREAU: *As vozes no deserto, profetas do século XX*, Cèdre, 1963. Excelente. As advertências sobre os perigos do tradicionalismo são esboçadas, mas não suficientemente desenvolvidas.
- Dom Guéranger, *abade de Solesmes*, por um monge beneditino. 2 vol. Plon et Oudin, 1909. Obra fundamental. Dom Guéranger esteve envolvido em todas as controvérsias religiosas de seu tempo e sempre deu uma resposta perfeitamente justa e clara, em conformidade com a plena doutrina católica.
- Joseph BUCHE: *A Escola Mística de Lyon, 1776-1847*, F. Alcan, 1935. Mostra bem que todo o meio religioso, católico e místico do início do século XIX estava impregnado da doutrina maçônica de Claude de Saint-Martin.
- Dom Georges FRENAUD: Prefácio muito importante para a reedição de *A Infalibilidade de Blanc de Saint-Bonnet*. Nouv. Éd. Latines, 1956.

O ISLAM, RELIGIÃO SOB O VENTO POLÍTICO - I

Após relatar sucintamente a expansão árabe-muçulmana, é necessário acompanhar a evolução política e econômica dos diferentes estados surgidos do desmembramento do Império Otomano. Mas antes de analisar o processo de sua ascensão à independência e autonomia, é preciso debruçar-se sobre a efervescência interna da religião islâmica, desde a morte do terceiro califa Uthman até os tempos atuais. As inúmeras "interpretações" nascidas durante esses treze séculos, a progressiva politização do discurso religioso fornecerão alguma explicação para a gênese dos diversos conflitos existentes e dos riscos de agravamento que podem resultar do despertar da jihad, estimulada pelo ódio aos ocidentais, "satanases" responsáveis por todos os males e criadores do Estado de Israel, ao atribuir a ele os territórios sagrados do "Povo do Livro", reserva de caça do Islã.

A ATRIBUIÇÃO DO PODER

Múltiplos fatores permitiram a fragmentação dos muçulmanos em um número muito elevado de grupos mais ou menos importantes, reencontrando uma unidade aproximadamente razoável nas ações antijudaicas e anticristãs. Apenas os grupos territorialmente mais bem estabelecidos ainda existem atualmente. Os mais fracos foram ferozmente eliminados.

Para simplificar ao máximo, é possível, *a posteriori*, reduzir o número de causas do fracionamento a duas principais, inerentes à religião: a poligamia e o modo de designação do Chefe.

Desde o início, interveio a multiplicidade de esposas e concubinas. Os filhos do sexo masculino assim gerados, legítimos ou naturais, eram herdeiros de pleno direito. Somavam-se a eles os filhos adotivos. Cada um podia esperar suceder a seu pai...

Maomé, que sempre se colocou acima das regras por ele impostas a seus discípulos e administrados, teve onze a treze esposas e três concubinas. Ele, aliás, sempre soube legalizar sua escolha e silenciar as críticas usando uma "revelação divina" ocorrida oportunamente. Teve apenas filhas, mas adotou um menino, Zaid. Sua primeira esposa, a judia Khadija, deu-lhe uma filha, Fátima al Zahra, sua preferida. Ela se tornou mulher de seu sobrinho e primeiro convertido, Ali ibn Abu Talib. Seus companheiros mais próximos também se tornaram seus genros. Umar casou-se com Hafsa; Uthman casou-se com Ruqayya e, com o falecimento desta, desposou sua irmã Umm Kulthum. Maomé, em terceiras núpcias, casou-se com uma jovem muito nova, Aisha, filha de um omíada, Abu Bakr. Este último foi o primeiro califa. Sucederam-no Umar, Uthman e Ali... Todos tiveram esposas, concubinas e, conseqüentemente, muitos filhos do sexo masculino, todos descendentes do Profeta... O verme já estava no fruto!

A segunda fonte de lutas e divisões, multiplicada pelo efeito da poligamia, encontra-se no modo de transmissão do poder, religioso e temporal, por ocasião da morte do Califa. Nada tendo sido definido por Maomé, três métodos, que se tornaram tradicionais, apareceram imediatamente.

I - O novo chefe será O MAIS VALOROSO... O que se entende por esse termo? O valor depende da glória militar, do poder material, do conhecimento religioso ou da filiação em relação ao Profeta? Questões difíceis de resolver e multiplicidade de respostas...

II - Pensando nos Companheiros do Profeta, o segundo método fez ELEGER ou DESIGNAR o novo Chefe por um grupo mais ou menos importante de Notáveis, Chefes de tribos, grandes proprietários de terras, eminentes religiosos... etc., representando o espírito, o consenso da Comunidade dos Crentes. Para uma pequena Comunidade, solução fácil, mas as conquistas e as delegações de poder multiplicariam as dificuldades e os abusos.

III - O terceiro método fará intervir o Chefe antes de sua morte. Em vida, ele designará seu sucessor e terá tempo de colocar os opositores na linha. Muito rapidamente, com o vencedor de Ali, o poderoso governador da Síria, Muawiya, o poder tornar-se-á hereditário e o filho primogênito sucederá automaticamente. O sistema assim inaugurado pelos omíadas será seguido pelos abássidas e pelos otomanos... com interrupções; pois a violência será frequentemente usada como método decisivo!

Note-se que os quatro primeiros califas, sogro, genros ou parente do Profeta, foram reconhecidos como LEGÍTIMOS em sua sucessão cronológica e GUIADOS POR DEUS no bom caminho pela Comunidade islâmica da época. Lutas, divisões e rivalidades só começaram após a destituição de Ali por Muawiya.

Se Maomé e os três primeiros califas haviam mantido globalmente a unidade religiosa, já no Califado de Othman, sua vontade de impor a recensão corânica finalizada por Zayd ibn Thabit como o único Livro verdadeiro fez nascer um descontentamento precursor de crises muito mais profundas. Os primeiros distúrbios importantes eclodiram em 656 e terminaram com o assassinato do Califa.

Ali, primo e genro do Profeta, de quem havia desposado a filha Fátima, foi proclamado Califa no mesmo ano. Sua luta com Muawiya, a arbitragem realizada em Siffin em favor deste, provocou a fragmentação do Islã. Simplificando, distinguir-se-ão três categorias: a mais numerosa, agrupando os partidários do poderoso sírio Muawiya, ou Sunitas; os fiéis de Ali, que viam nele não apenas o Califa, mas também o chefe espiritual ou Imam, estes foram os Xiitas; e um certo número de intransigentes, partidários da guerra sem tréguas, os Carijitas...

Os Omíadas, que se queriam ao mesmo tempo chefes religiosos e temporais, tiveram que enfrentar a agitação xiita e as revoltas carijitas. Não eram totalmente aceitos pelos sunitas, que os acusavam de ter transformado o regime eletivo dos primeiros califas em uma monarquia hereditária e despótica. Trata-se de críticas emitidas sob o reinado posterior dos abássidas.

As revoltas religiosas, sempre acompanhadas de tentativas de posse territorial, continuaram. O filho mais velho de Ali, Hassan, tendo jurado lealdade ao califa sunita, os xiitas reconhecem seu irmão Husayn como Imam. As dificuldades criadas pela sucessão de Mu'awiya facilitaram o

desenvolvimento dos distúrbios. A insurreição de Husayn terminou brutalmente em Karbala em 680. Seu sucessor como Imam e líder dos xiitas, Ali Zayn al-Abidin, era ainda muito jovem. Muitos se voltaram para seu irmão por parte de pai, Muhammad al-Hanafiyya, um homem que desejava acima de tudo evitar a guerra civil. Mukhtar, um opositor dos omíadas, fez campanha em seu nome para vingar os mártires de Karbala. Derrotado, foi supliciado no início de 687. Sua derrota não comprometeu em nada Hanafiyya, cujas teorias resultaram na criação de uma nova escola ou seita, o Murjismo, que dissociava as obras da fé, deixando a Deus o cuidado de reconhecer os seus. Com a morte de al-Hanafiyya, os partidários de Mukhtar se dividiram. Uns admitiram a ocultação do Imam e o adoraram como Mahdi (Guia Supremo); outros reconheceram como Imam seu filho Abu Hashim. Com sua morte, seus fiéis se dividiram entre várias seitas que apelavam ao "encarnacionismo" ou à metempsicose, como existe atualmente entre os drusos do Líbano.

Uma grande revolta xiita eclodiu em 740, mas foi sufocada em sangue pelo poder sunita. Outra, reunindo todos os descontentes, ocorreu quatro anos depois e sofreu o mesmo destino. Duas observações devem ser feitas. Primeiro, os líderes religiosos mortos são, desde sua morte, na maioria das vezes considerados Mahdi... aguardado por seus partidários; segundo, os Imames sucessivos dos xiitas não participaram das insurreições. Todos eles, até o sétimo, Musa al-Kazem, morto em 799, foram homens piedosos, dedicados à transmissão de dados sobre a vida do Profeta e de seus primeiros companheiros.

Os kharijitas também se fracionaram em quatro grandes movimentos. Eles se opuseram vigorosamente ao poder califal e chegaram a se espalhar pela Berbéria. Esmagados sem piedade, revoltando-se novamente, as diversas tendências lutaram de 680 a 748. Finalmente, a calma e a unidade do Império foram restabelecidas.

O fim dos omíadas viu o aparecimento dos mu'tazilitas. Autodenominando-se "Gente da Justiça e da Unicidade (de Deus)", eles afirmaram a existência de uma ordem querida por Deus, que só quer o bem e deixa o homem livre, responsável por seus atos, portanto, pelo bem e pelo mal. Defensores ferrenhos do Islã, eles reforçaram a noção de "Comando do Bem e Proibição do Mal", pregando a luta violenta contra os líderes culpados e os opositores da verdadeira doutrina...

Os abássidas (750-1050) já haviam começado sua ação para conquistar o poder. Muito cedo, o filho de Abbas, tio do profeta, optou pelo partido xiita em Siffin... O homem que intensificou a luta era um iraniano, Abu Muslim al-Khurasani, iniciado em sociedades secretas. Não encontrando um descendente de Ali, ele recorreu aos abássidas. Ele adotou, em face da cor branca dos omíadas, a cor preta, a da vestimenta do Profeta quando de sua entrada vitoriosa em Meca em 630. A revolta eclodiu em 747, durante o Ramadã. O apelo foi lançado em nome de toda a família do Profeta, os hachemitas, descendentes de Ali e Abbas, bem como em nome da reconciliação comunitária. A oposição foi significativa na Síria, no Hejaz, no Iraque e se transformou em secessão na Espanha. Abu Muslim livrou o poder dos revoltosos do Iraque e até mesmo de uma insurreição xiita no Turquestão. Finalmente, tornando-se poderoso demais, foi assassinado por ordem do Califa e tornou-se para seus partidários um Mahdi. O líder abássida eliminou os extremistas e conteve uma forte revolta xiita na Arábia e no Iraque. Uma dura política repressiva quebrou politicamente o xiismo.

Foi no início do reinado abássida que ocorreu o nascimento da seita ismaelita. O sétimo Imam, morto em 799, era apenas o filho mais novo de Isma'il, morto prematuramente. Um certo número de xiitas considerou que o Imamat continuava na linhagem deste último; foram os ismaelitas ou setimanos. Posteriormente, a seita se dividiu em vários ramos de acordo com o Imam reconhecido.

AS ESCOLAS SUNITAS

O Califa al-Mansur teve que combater e reduzir novamente uma insurreição kharijita na Ifríquia berbere. Ele também eliminou um partido iraniano com afinidades maniqueístas e perigoso para o arabismo.

Apesar de um período calmo, o poder desencadeou uma grande perseguição oficial em 782, para realizar a unificação religiosa no Sunismo. Os "brancos" se revoltaram quatro anos depois. A repressão teve como consequência a fuga para o Magreb, através do Egito, de Idris ben 'Abd Allah, que fundou no Marrocos a primeira grande dinastia.

Apesar de algumas submissões honrosas, o xiismo manteve seu brilho religioso e literário. Al-Rashid teve que enfrentar uma nova revolta kharijita no Coração afegão. A calma só voltou sob seu sucessor.

Por volta de 814, os teólogos xiitas definiram sua doutrina, dando à teoria do Imamat o lugar central que ainda ocupa. Paralelamente, os Doutores Sunitas, há mais de um século, redigiam sua literatura doutrinária. Dois de seus primeiros mestres viveram em parte sob os omíadas: Abu Hanifa e Malik, morto em 795. É justo constatar que raras são as obras cuja autenticidade possa ser admitida sem contestação. Hanifa é considerado o teórico da livre opinião, fazendo da estimativa pessoal (a razão individual) uma das fontes de sua doutrina, o que relega a Sunna a segundo plano, mas facilita a manutenção da unidade comunitária. Malik parece ter sido muito mais severo em relação aos cismáticos. Ele também usou amplamente o julgamento pessoal através da noção de interesse.

Foi entre os discípulos de Abu Hanifa que o Califado recrutou seus principais cádis.

Al-Shafi'i (767-820), terceiro grande pensador sunita, realizou um estudo sobre os fundamentos do direito. Ele valorizou claramente o papel do Alcorão e da Sunna. Ele limitou o ijma (consenso) obrigatório ao dos teólogos, recusando-se a pedi-lo a toda a comunidade. Ele concedeu um amplo espaço ao raciocínio. Ele propôs um método analógico para resolver as divergências que opunham os Doutores da Lei e preparar uma reunificação doutrinária. Além disso, afirmou-se preocupado em limitar o arbítrio governamental.

O quarto, mas sem dúvida o mais importante, foi Ahmad b'Hanbal (740-855). Sua obra, como a de Al-Shafi'i, foi realizada sob os abássidas. Ele conseguiu passar pela perseguição do Califa Al-Ma'mun. Em sua obra muito popular, ele elaborou uma doutrina destinada a ocupar uma posição central na história religiosa e política do Islã, principalmente de 861 a 945, ano da ascensão dos Emires xiitas Buídas. Sua teodicéia afirma com vigor a necessidade de não transgredir os dados do Alcorão e da ciência das tradições (hadith). Ele recomendou apegar-se à Sunna. Embora condenando vigorosamente os cismáticos, na prática ele se limitou simplesmente a excluir os

perturbadores da Comunidade, recusando-se a julgar as consciências, o que só Deus é capaz de fazer.

Uma verdadeira reviravolta neste século IX foi a nomeação pelo Califa Al-Mamun do oitavo Imam dos xiitas, Ali al-Rezâ (770-818), a quem fez casar com sua própria filha. Abandonando o estandarte preto, ele assumiu a cor verde dos álidás. O Califado saiu consolidado pela união de todos os hachemitas. (Esta decisão abriria ao xiismo a porta do poder). A reação foi muito violenta no Iraque. O oitavo Imam morreu prematuramente e o Califado voltou à cor preta, mantendo boas relações com os álidás, apesar de uma retomada dos distúrbios. Nova mudança, por razões políticas e religiosas, o Califa concedeu seu apoio aos mu'tazilitas. Além dos princípios já mencionados, os teólogos desta escola tentavam conciliar sua dogmática com a filosofia grega, cujas primeiras traduções acabavam de ser realizadas.

Em 877, o Califado proclamou um dogma mu'tazilita como doutrina de Estado. Abriu um grave cisma e, para impô-lo, organizou uma inquisição governamental que, na lógica implacável do "Comando do Bem", foi uma verdadeira perseguição. Muitos Doutores da Lei e Teólogos se submeteram. Um certo número resistiu, entre eles Ahmad b. Hanbal. Algumas insurreições foram rapidamente reprimidas e a perseguição continuou. Seguiu-se uma reação sunita profunda e duradoura. O mu'tazilismo foi a primeira vítima, mas o Xiismo também sofreu o contra-ataque.

Foi sob o Califado de Mutawakkil (847-861) que os tradicionalistas recuperaram sua preeminência através de Hanbal e de um de seus eminentes discípulos - Abu-l-Hasan al-Ashari, morto por volta de 935. Primeiramente mu'tazilita, al-Ashari tornou-se sunita. Sua doutrina obteve grande sucesso por assumir uma forma transacional, uma tentativa de conciliação e síntese entre o mu'tazilismo e o sunismo, que seria muito influenciado por ela.

Esse Califa Mutawakkil reforçará a tutela dos muçulmanos sobre os Cristãos que viviam em terra do Islã. Apesar do que o Alcorão possa alegar, o direito de hospitalidade privilegiada (dhimma) era uma forma de humilhação. Querendo agravar a coerção, o Califa, sensível às influências iranianas, inventou as distinções vestimentárias: rodela amarela para os Judeus, azuis para os Cristãos - ainda usadas pelos Coptas no Egito -, marrons para os Mazdeístas assimilados aos Povos do Livro.

O reinado dos Emires Buídas viu o desenvolvimento da escola acharita, muitas vezes em simbiose com o sufismo e, por vezes, com um sufismo mais ou menos esotérico. Aliás, um de seus teóricos, al-Baghdadi (morto em 1037), em sua crítica acerba às heresias, poupou o sufismo, cujos adeptos, para ele, eram todos sunitas. Outros acharitas vincularam o sufismo aos primeiros Califas e o identificaram com sua doutrina.

DO SUFISMO ÀS CONFRARIAS

Era normal e prudente para os Religiosos e Teólogos do sistema evitar qualquer crítica ou ataque muito violento contra o Sufismo.

Sua origem remonta ao primeiro século da Hégira. Apareceram nessa época homens piedosos, verdadeiros ascetas, orgulhosos de sua pobreza, desprezando tudo o que não fosse o dever e o culto a Alá, ensinando que o prazer e a dor não existiam. Receberam o nome de "fakir", no plural

"fokra", derivado de "el Fokr", a pobreza. Agindo individualmente, foram aos poucos estabelecendo laços entre si. Finalmente, realizaram reuniões e o nome "sufi" substituiu o de "fakir".

Foi assim concretizado, pouco antes do início do século VIII, o nascimento do SUFISMO, cujo objetivo é assim resumido: *"A confissão da unidade de Deus, mais acessível pela pobreza do que por qualquer outro caminho"*. Seu ensino começou nas Mesquitas.

Em 287 da Hégira, ou seja, por volta de 899, morreu Abou Saïd Ahmed el Kerraz, dito Cheikh dos Sufis. Isso implica o reconhecimento oficial da Confraria. Um famoso sufi egípcio, morto por volta de 860, Dhû-l-Nûn-al-Miâri, teria introduzido ali a gnose e composto os primeiros tratados de esoterismo. Foi Abou Hamza Mohammed Ibrahim, morto em 901, quem definiu publicamente a doutrina, a priori em Bagdá. El Eponeïdi, por um lado, e Al-Jumaid, morto em 910, por outro, contribuíram para a construção do sistema de teosofia mística que serviria de base para todas as especulações posteriores.

O Sufismo aparece essencialmente como um princípio de vida conforme à "Lei", cujas prescrições rituais encontram sua coroação em "virtudes" como a verdade e a sinceridade consigo mesmo e com o outro. Essas "virtudes" não têm nada em comum com as "Virtudes" da Religião Católica ou com a busca, explicação e testemunho da Verdade-Revelada.

De Bagdá, a irradiação se estendeu por todo o Crescente Fértil, na Arábia e no Egito. Saladino, morto em 1193, fundou ele próprio um mosteiro sufi. A extensão alcançou o Norte da África e depois a Espanha. Na outra extremidade do império, os Sufis fizeram muito pela islamização de uma parte da Pérsia e do Norte da Índia. De fato, Mohammad b. Karram, morto em 869, permaneceu muito tempo no Khurasan oriental e ali fundou uma das primeiras confrarias.

As confrarias. Em menos de um século, colaborando com os defensores da Sunna, os Sufis definiram o núcleo duro da ortodoxia muçulmana. Em 682, em Meca, fundaram a mais antiga ordem religiosa ortodoxa conhecida.

O desenvolvimento das Ordens ou Confrarias derivadas do Sufismo será intenso, mas, senão clandestino, ao menos oculto.

Essas Confrarias estabeleceram o rigor de sua doutrina, dando-lhe uma origem sagrada. Fizeram remontar o nascimento da doutrina, por uma sucessão de sábios doutores, até o Profeta.

A partir deste, houve duas cadeias: uma (sunita) por seu cunhado e Primeiro Califa Abu-Bakr; a outra (duodecimana) por sua filha Fátima al Zahra e o esposo desta, Ali ibn Abu Taleb, Primeiro Imã dos Xiitas. Elas chegam aos Chefes de Ordens atualmente em função. De Alá a Maomé, por intermédio do anjo Gabriel, os fundadores das Confrarias receberam "a baraka", a bênção que lhes conferiu uma parcela da essência divina...! Todos os Chefes de Ordens sucessores a receberam por transmissão hereditária. No Islã, o poder sobrenatural do Santo – por qual tribunal essa santidade é estabelecida? – transmite-se à sua posteridade e aos seus descendentes mais distantes. Isso pode ser uma explicação para a usurpação por Khomeini do título de "sayyid", descendente do Profeta.

Principais confrarias ou Ordens maiores, criadas nos primeiros seis séculos da Hégira, das quais todas as outras se originam por cisão:

Os **CHADELIYA** para os Estados bárbaros, Norte da África, Tripolitânia, Hedjaz... Os **KHELOUTIYA** para o Egito e a Turquia Europeia (Ordens que praticam assiduamente o retiro). Os **NAKECHABENDIYA** para a Turquia Asiática, Ásia Central e Extremo Oriente. Os **SAHARAOURDIYA** para o Irã. Os **QADRIYA** sem zona geográfica delimitada. Foram fundadas no século XII por um persa, Sidi Mahi de Djilan, próximo a Bagdá.

ESTRUTURA TIPO de todas as Ordens:

DIREÇÃO:

No topo, o sucessor espiritual do fundador – a designação é feita ainda em vida do Mestre em exercício – o *Cheikh Trika*, General da Ordem; em seguida, o *Khalife el ouerd*, o tenente da vida. Nos países distantes do centro, são nomeados suplentes ou *Naib*. Existem também espécies de dignitários, os *Mogaddem*, que recolhem as esmolas e podem iniciar os neófitos, conferindo "o *ouerd*".

Os Iniciados chamam-se *Khouan* e incluem numerosas mulheres. Devem obediência absoluta aos *Mogaddem*, ao *Khalife* e ao *Cheikh*. São obrigados a praticar entre si uma solidariedade e uma devoção sem limites. Devem exaltar as confrarias a que pertencem.

Os *Khouans* distribuem-se em três graus. O mais baixo, reservado à grande massa, obriga apenas a receber e recitar a Ladainha da Ordem, o que basta para lhes assegurar o Paraíso após a morte.

OBRIGAÇÕES RELIGIOSAS: São estritas e incluem:

A **Esmola**, *ziara*, verdadeira contribuição recebida regularmente e que constitui um enorme tesouro em certas confrarias, como os Senoussya.

O **Retiro**, *el kheloua*, cópia vaga daquelas praticadas na Igreja Católica.

Todas as Ordens muçulmanas possuem espécies de conventos cuja denominação varia conforme a localização geográfica: na Turquia *TEKKIE*, na Ásia Central *KALENTERKHANE*, na Índia *KHANCAH*, no Egito *KHAOUANAK* e na África *ZAOUIA*.

As **Orações** são de dois tipos: "o *ouerd*", breve invocação redigida pelo fundador ou seus sucessores, "l'hezb" é um livreto completo, geralmente longo, composto por versículos do Alcorão e escrito pelo Chefe da Ordem.

A Ladainha, *dhikre*, é específica de cada ordem. Em comparação, se o crente comum recita em seu rosário de 99 contas os 99 atributos de Alá, para os *Khouans*, a repetição da palavra Alá ou de uma frase breve como a *shahada* deve ser feita duzentas mil ou três mil vezes.

Existem dois tipos de *dhikre*: um para todos os dias e outro para sextas-feiras e grandes cerimônias religiosas.

Na maioria das vezes, ao recitar o *dhikre*, o *khouan* balança de forma rítmica e acelerada. Isso resulta em uma congestão do sistema cérebro-espinhal, somada a uma tensão mental extrema

produzida pela concentração e convergência das faculdades intelectuais na única ideia de Alá. Surgem assim **FENÔMENOS DE HISTERIA**. Em algumas ordens, a duração dos exercícios, acompanhados por tambores e flautas, aumenta a **SUPEREXCITAÇÃO** dos participantes.

AS CONFRARIAS E O HOMEM. Na divisão do conjunto da humanidade, as Ordens delimitam duas categorias:

DAR EL ISLAM, o país da segurança, compreendendo:

- Os Muçulmanos ou Verdadeiros Crentes,
- Os *Dhimmi*, súditos cristãos, judeus ou pagãos dos soberanos muçulmanos,
- Os *Moustemiin* (credenciados), estrangeiros de passagem em missão;

DAR EL HERB, o país da guerra, do infiel, da perdição, do inferno, onde vivem os *Horbi* (inimigos).

As Confrarias, Hierarquia e *Khouans* permaneceram sempre **INDEPENDENTES** dos poderes instituídos.

Não foi o mesmo no islamismo corrente.

Em seu topo encontrava-se o Califa, chefe de governo e, em princípio, chefe supremo da religião. Ele delegava aos *Ulémas*, homens piedosos de costumes austeros, suas atribuições religiosas e judiciais. Mas o verdadeiro poder religioso era detido pelo Xarife de Meca, cuja nomeação devia receber a aprovação do *Sheikh* do Islã, ele próprio designado pelo Califa. Os *Ulémas* tinham a possibilidade de se opor ao poder deste último ao emitir uma *fetwa*, uma decisão solene que se impunha aos Crentes. Dentro dos *Ulémas* formou-se uma espécie de hierarquia: Imames, Muftis, Cadis... etc.

Aos poucos, os *Ulémas* tornaram-se instrumentos do poder e seu chefe, o *Sheikh* do Islã, o funcionário número um.

Na verdade, não houve por muito tempo uma estrutura unitária, verdadeira e sólida; os governos fortes logo arrogaram para si o poder religioso.

Já em 1230, o Sultão do Marrocos, território onde os Árabes nunca penetraram, era reconhecido como o Califa, Comandante dos Crentes, de toda a região.

A partir do século XVII, o Imame de Mascate afirmou-se como chefe religioso dos Mozabitas e dos Muçulmanos da África Central e Meridional.

Na Pérsia, embora o Xá pudesse nomear um Xequê do Islã, o poder religioso era detido, para os iranianos e muçulmanos da região, pelo Mujtahid de Bagdá, cujo último, falecido em 1893, não foi substituído.

O golpe final foi desferido pelo General Mustafa Kemal, instituidor da República laica turca, que suprimiu o Califado em 1924.

A desagregação do poder religioso continuou até os dias atuais. Ela favoreceu os pseudo-teólogos e as ambições de certos homens que sonharam ou sonham em ser os reunificadores do mundo árabe. A unidade dos árabes-muçulmanos e de seus correligionários está além das fronteiras e dos interesses materiais.

Ela está nas mãos da única verdadeira autoridade islâmica existente, a das Irmandades, verdadeiras "sociedades secretas" que cobrem com suas redes o conjunto da Umma.

No mesmo período em que nascia o sufismo e se desenvolviam os arquétipos das diversas Ordens, o poder califal conduzia vigorosamente a luta contra o xiismo.

O X Imam 'Ali al-Hadi terminou seus dias em residência vigiada. Vários mausoléus imamitas foram destruídos. A morte do Califa abriu um período de nove anos de anarquia. Distúrbios eclodiram no Iraque com a participação de sufis pela primeira vez. O XI Imam dos xiitas, também internado, morreu em 868. Por rancor do tráfico de negros, um Alida conseguiu sublevar os escravos importados na Baixa Mesopotâmia. Os Zanj resistiram de 869 a 883. Sem influência religiosa, a revolta criou muitas dificuldades ao poder, assim enfraquecido: os egípcios aproveitaram para anexar a Síria; o Governador dos territórios do sul da Pérsia tentou apoderar-se do Iraque para constituir um reino. Após uma feroz repressão, tudo voltou à ordem.

Muito mais séria foi o surgimento de um emirado xiita zaidista no Tabaristão, no norte da Pérsia, em face dos Safáridas encarregados pelo Califa de combater as manobras xiitas. O Emirado durou de 864 a 900. Nessa data, foi anexado ao estado sunita dos Samânidas, e depois reconstituído em 914. Da mesma forma, antes do fim da revolta dos Zanj, Yahya al Hadi fundou uma dinastia xiita zaidista no lêmén, a dos Bassidas, que se manteve de 850 a 1281. Uma ressurgência ocorreu mais tarde, em 1592, com os Imames qasemidas ou de Sanaa. Al Hadi foi um dos doutrinários dessa variante xiita. Ele deixou, como o sunismo e o mu'tazilismo, a designação do Imam ao livre arbítrio da comunidade... reservando-a aos descendentes de Fátima, que a reivindicaram lançando o apelo à insurreição (da'wa) e pegando em armas (jihad). Ele considera que Ali foi nomeado Imam mais por seus méritos pessoais do que por investidura religiosa, o que é uma heresia para os duodecimanos. O Zaidismo dividiu-se em vários ramos conforme a escolha da hereditariedade requerida, pois Ali teve outras esposas.

Os ismaelitas, por sua vez, se levantaram contra o Califado e os Samânidas. Eles se dividiram em duas seitas rivais reconhecendo como Mahdi, uma, os Carmatas, o filho de Ismail, Muhammad, a outra, os Fatímidas, um descendente desse mesmo Muhammad. Os Fatímidas, que mais tarde foram os senhores da Ifríquia e do Egito, tinham sua pátria na Síria.

A revolta dos Carmatas, tão cruel quanto a repressão sunita, durou de 902 a 908. De seu centro no Bahrein, eles partiram novamente para a guerra em 914, invadiram o Iraque, subiram até Mossul e, em 930, tomaram Meca. Retiraram-se levando a Pedra Negra, que só devolveram em 951. Durante esse período, os missionários ismaelitas, apesar das execuções, penetravam no Coração e na Transoxiana...

Os xiitas encontraram protetores em duas pequenas dinastias contemporâneas. Uma árabe, os Hamdânidas, cujo antigo Emir apoiara a revolta dos Cáríjitas; a outra persa, os Buídas, cujo

fundador era chefe de bando na região de Shiraz. No entanto, os Califas continuavam a defender o sunismo, mas as intrigas pretorianas e as dificuldades financeiras os atrapalharam consideravelmente. Foi pelo interior da administração, chancelaria e exército, que o Califado foi vencido pelos Imamitas. O Vizir desempenhava o papel principal e, conforme suas próprias afinidades, favorecia o xiismo ou reprimia ferozmente suas manobras. Por sua vez, os Hanbalitas se insurgiram e foram condenados em 935, sem se acalmar. Finalmente, o Emir dos Buídas entrou em Bagdá em 945. Reconhecido e nomeado Sultão pelo Califa, ele o depôs para substituí-lo por um homem inteiramente devotado a si. O Califado sunita continuava oficialmente.

Nesses períodos conturbados, o Sufismo aumentou sua audiência. Al-Junaid (morto em 910) construiu o sólido sistema de Teosofia mística que serviria de ponto de partida para as especulações posteriores. Através desse pensador, o sufismo aparece essencialmente como um princípio de vida conforme à Lei, cujas prescrições rituais encontram seu coroamento em "virtudes" como a verdade e a sinceridade consigo mesmo e com o outro, o que não tem nada a ver com as Virtudes da religião católica e com a busca e o testemunho da Verdade.

Apesar de graves distúrbios, os Buídas fizeram o possível para expandir o xiismo. Eles impuseram em 962 a celebração oficial das duas grandes festas xiitas, a designação de Ali por Maomé (Ghadir Khumm) e o martírio de Hussein em Karbala (al-Ashura). Os xiitas da Tunísia invadiram o Egito por dois séculos. Prova de sua desunião, os xiitas carmatas, obedecendo ao Sultão buída, tentaram, sem sucesso, retomar o Egito. Em 974, a oração xiita ismaelita era feita em nome dos Fatímidas em Damasco, Meca e Medina.

Os militares turcos, por sua vez, tomaram o partido dos Sunitas. Seu chefe Subuktiquim apropriou-se de Ghazni, no Afeganistão, e de parte do norte da Índia, assumindo o comando do território gznávida. Ele se apresentou sempre como defensor do Califado e do Sunismo.

Os xiitas conseguiram depor o Califa abássida em 991 e substituí-lo por uma personalidade mais flexível; além disso, Al-Hakim, o Califa do Cairo, estendeu sua autoridade sobre a Alta Mesopotâmia, destruindo, no mesmo impulso, os Lugares Santos Católicos (1008). Finalmente, um *modus vivendi* estabeleceu-se entre as duas comunidades muçulmanas em 1012.

RETORNO AO SUNISMO COM OS TURCOS

Foi em 1019 que ocorreu uma brusca inversão de tendência. O sunismo tradicionalista de Ahmad b. Hanbal tornou-se o "Credo" oficial do Estado. Ao mesmo tempo, seja por loucura ou orgulho, o fatímida Al-Hakim fez-se reconhecer por seu círculo extremista como encarnação da divindade. Foi assim que começou a seita dos Drusos, que se estabeleceu fortemente na Síria. A partir de 1043, o poder fatímida declinou tanto no Magrebe quanto na Síria. Os últimos abássidas viam crescer o poder dos turcos seljúcidas, senhores do norte da Pérsia. O último emir buída foi detido pelas tropas do sultão Tugrilbegue em 1055, durante a tomada de Bagdá. Uma revolta xiita terminou em sangue. Em 1063, morria o último califa abássida, enquanto os seljúcidas detinham o poder desde 1050, por intermédio do Grão-Vizir Al-Mulk, que morreu em 1092.

Fazia quase um século que os xiitas tinham a preponderância política. Os ismaelitas puderam concluir a redação de uma obra que estabelecia as bases de uma verdadeira doutrina de Estado.

Apesar disso, o desenvolvimento do Sunismo continuou eficazmente. Os teólogos hanbalistas trabalharam muito: comentários do Alcorão, condenação das seitas rivais e de toda forma de teologia especulativa. De modo geral, eles pouparam o Sufismo, exceto um de seus ramos que pretendia dispensar seus fiéis das obrigações legais e aqueles que preconizavam a prática da mendicância.

Um teólogo sunita da Espanha, Ibn Hazm, morto em 1064, escreveu então um tratado apologético e heresiográfico para demonstrar a superioridade da religião muçulmana como um todo sobre o Judaísmo e o Catolicismo, por um lado, e, por outro lado, dentro do Islã, a superioridade das pessoas da Sunna em relação aos fiéis das outras seitas, agrupadas pelo autor em quatro principais: os murjitas, os mu'tazilitas, os xiitas e os carijitas. Afirmando a obrigação de o Direito se fundamentar exclusivamente no Alcorão e na Sunna, exigindo que os Doutores se ativessem ao sentido aparente, portanto imutável desde Uthman: tudo o que não é formalmente proibido é considerado lícito!

AVICENA

Seria para responder à audiência do mu'tazilita Ibn Sînâ, o Avicena dos europeus? Nascido entre 980 e 985, viveu na Pérsia em um meio impregnado de tradições mazdeístas e xiitas. Estudou química, medicina e astronomia. Os cargos que ocupou junto a personalidades permitiram-lhe adquirir conhecimento dos autores gregos, Euclides, Porfírio, Aristóteles... Seu ensino encontra-se naquele ministrado em Viena e Frankfurt no século XVI. É preciso refletir um pouco sobre seu pensamento.

Seu esoterismo conduz ao ocultismo moderno... Mas o resumo de sua teoria sobre a iniciação dos Profetas merecerá atenção, pois explica muito bem o poder de homens como Khomeini.

O Deus de Avicena, embora sempre "Uno em Si mesmo", parece diferente do Deus de Maomé, Deus todo-poderoso, Criador absoluto ex nihilo. Ele teria desejado a emanção do mundo a partir de um Ser primeiro necessário. Essa emanção teria se realizado em ondas sucessivas descendentes, implicando uma hierarquia de realidades intermediárias espirituais. O intelecto humano pertenceria ao último nível e seria chamado a remontar ao primeiro princípio.

Os Anjos, dos quais alguns foram citados pelo Alcorão, intermediários entre Deus e o Profeta, não parecem necessários para Avicena. Os Profetas, seres superdotados, são por natureza aptos a receber a revelação divina, a entrar em relação direta com o fluxo criador necessariamente efundido do Ser primeiro...

Os Sábios e os Santos poderão, pela dupla purificação moral e intelectual – o que Avicena fez por meio de suas pesquisas em ciência experimental, medicina, astronomia, química – retornar, remontar ao mundo dos Inteligíveis de onde vieram, penetrar na "Cidade dos Anjos", cara à tradição esotérica muçulmana, e participar então do conhecimento intuitivo do Universal.

Como os profetas, os Sábios e os Santos poderão adquirir um poder supranormal, mágico sobre a matéria exterior; fazer milagres, provas de sua missão... Além disso, o profeta, graças ao que Avicena chama de "virtude imaginativa" possuída com perfeição, poderá ver e ouvir a "potência

efundente"... Posto diretamente em relação com as Almas Celestes, com a Inteligência, receberá a inspiração dos dogmas religiosos, das prescrições positivas concernentes aos atos de culto e às leis jurídicas. Esse estágio poderá ser alcançado pelo Sábio e pelo Santo, mas somente o Profeta poderá ser o legislador político-religioso da Cidade dos Homens...

Naturalmente, Ibn Sina-Avicena afirmou a superioridade indiscutível da religião muçulmana. Fez de seus adeptos ardentes defensores da Lei de Maomé, "superior à de Moisés ou de Jesus, as quais eram superiores às dos Gregos". Avicena morreu em 1037.

O reinado dos seljúcidas permitiu o fortalecimento da implantação sunita. Se alguns Vizires favoreceram a escola acharita, hanafitas e hanbalitas não foram esquecidos. Foi a época da construção de escolas religiosas (madrastas) muito importantes. Além disso, os Doutores sunitas que reivindicavam a purificação da moralidade pública... e da moeda obtiveram satisfação por volta de 1085.

A guerra contra os ismaelitas fatímidas do Cairo havia recomeçado em 1071, ano da derrota dos bizantinos em Mantziquerta. A reconquista sunita da Síria terminou em 1076, com a tomada de Damasco, mas a unificação religiosa permaneceu muito imperfeita.

Um novo período de confusão começou. Os chefes seljúcidas disputavam o poder. Os ismaelitas fatímidas do Egito separaram-se em duas seitas de forma violenta. Com a morte, em 1094, do Califa do Cairo, os partidários de seu filho mais velho, Nizar (nizáris), e os fiéis do filho mais novo, al-Mustali (mustalianos), imposto como Califa pelo Vizir em exercício, se despedaçaram mutuamente. Um fiel de Nizar havia preparado uma base de retirada, antes do colapso da dinastia, apoderando-se da cidadela de Alamute, nas montanhas ao sul do Mar Cáspio. Ao mesmo tempo, a primeira Cruzada católica obtinha sucessos e agravava a bagunça. O apelo ao jihad contra os Cristãos não foi ouvido! Os nizáris de Alamute lançaram-se, a partir de 1090, em um terrorismo de grande escala. Organizados em uma seita chamada fida-wiya, obedeciam a um Grão-Mestre. Foi necessária uma repressão sangrenta e milhares de mortos, principalmente na Síria, para conter seu movimento. No entanto, Alamute conservou sua independência religiosa e militar até aproximadamente 1270.

Em meio a essas perturbações que sugeriam o enfraquecimento dos Seljúcidas, os sunitas, cada vez mais influentes, tentaram restaurar o poder abássida. O Vizir Ibn Eubavia, falecido em 1165, foi o zeloso instigador disso, buscando até mesmo unir aos sunitas os xiitas moderados. Ele tentou restaurar a unidade muçulmana em torno do "Credo" dos Antigos, colocando as quatro escolas sunitas em pé de igualdade. Seus escritos tiveram uma enorme difusão na Umma...

O opositor vitorioso da Segunda Cruzada, o turco Nur al-Din, liderou simultaneamente a luta contra os cristãos e o restabelecimento do poder. Sunita hanafita, ele fundou em Damasco uma escola para o ensino da tradição. Ele criou uma espécie de tribunal de apelação do Direito que, sob sua presidência, reunia jurisconsultos das quatro grandes escolas sunitas. No entanto, a escola ash'arita contou com melhores teólogos, como, por exemplo, Al-Kiya al-Harasi, falecido em 1110, e, sobretudo, Abu Hamid al-Ghazali (1058-1111).

Ele era muito famoso. Iniciado cedo no sufismo, praticou-o pelo menos até 1105, ano em que lhe foi confiado um cargo de professor em uma escola importante. Sábio jurisconsulto, ele afirmou a primazia do Alcorão, da Sunna e do Ijma de toda a Comunidade. Ele admitiu o raciocínio analógico para a atualização da Lei... Foi um sufi respeitador desta, e das grandes obrigações culturais que ele se recusava a separar do temor e do amor a Deus. Ele critica o Ismaelismo. Embora tenha condenado a filosofia, foi muito moderado em relação a Ibn Sina.

Para a designação do Califa, Ghazali apresentou uma solução intermediária, de espírito tolerante, para evitar conflitos entre as diversas tendências. Minimizando a importância do Imamato, centro da doutrina xiita, ele pregou a compreensão e até mesmo o entendimento, desde que os princípios essenciais da religião fossem respeitados. Mas que autoridade reconhecida por todos seria capaz de defini-los? Tratava-se principalmente de reunir a Comunidade em torno do Alcorão e da Sunna.

Os hanbalitas se defendiam como podiam. Um deles, Al-Ansari, falecido em 1089, escreveu o primeiro tratado de sufismo adaptado às suas ideias. Finalmente, o poder deu satisfação ao conjunto sunita, nomeando uma espécie de inquisidor oficial para sua defesa.

No Norte da África, o Sunismo de 1063 a 1180 também fez progressos substanciais. Foi após uma peregrinação a Meca de seu chefe que ele se implantou na tribo nômade do Saara Ocidental, os Sanhajas, guerreiros velados. Por recomendação, um evangelizador sufi, da escola maliquita, o Xequie Abd Allah b. Yasin, foi fornecido à tribo para converter as populações da Mauritânia. Ele ensinou antes de tudo as prescrições do Alcorão e da Sunna, e aplicou as sanções previstas pela Lei. Fundou o movimento dos Almorávidas. Morreu em combate ao conquistar o Sul Marroquino, na região de Casablanca e Salé... Yusuf b. Tashufin unificou o território, do Sul Marroquino até Argel (1082). Os poucos xiitas existentes foram massacrados...! Um outro marroquino, Ibn Tumart, havia ido à Síria para estudar. Impregnado de Hanbalismo após uma longa estadia em Bagdá, iniciado no Imamismo e até no Ismaelismo, retornou em 1118 ao seu país. Reformador severo, preconizando o retorno às fontes do Islã, propôs uma doutrina para realizar a unidade da Comunidade... em torno de um homem. Seu primeiro discípulo, um jovem berbere Abd-al-Mu'mín, tornou-se o protegido de um Xequie da montanha. Ibn Tumart, apresentando-se então como o Mahdi, convocou as populações do Atlas à revolta contra os Almorávidas... Foi Abd-al-Mu'mín quem conseguiu tomar o poder. Seus partidários, os Almóadas, conquistariam todo o Magrebe e a Ifríquia (Tunísia). Seu filho Abu Ya'qub levou a dinastia ao seu apogeu. A unidade sunita, no entanto, não conseguiu se implantar realmente. O particularismo das tribos berberes ou árabes se manteve, assim como o apego ao maliquismo e ao sufismo popular.

Durante essas peripécias, na Síria, o comandante das tropas do Califa Nur al-Din, o curdo aiúbida Salah al-Din (1138-1193), havia suplantado o seljúcida de Damasco. Pondo fim ao desastre cristão da segunda cruzada com a tomada de Jerusalém em 1187, ele fez, por outro lado, vigorosos esforços para fortalecer a audiência do sunismo tradicionalista. Suas origens o levaram a favorecer mais o shafiismo, o ash'arismo e o sufismo. Não podendo subjugar os ismaelitas da Síria como havia feito com os do Cairo, ele praticou com eles uma política de compromisso para manter as mãos livres em relação aos Cruzados. Um de seus sucessores no sultanato do Cairo perseguiu notoriamente os hanbalitas por instigação de um shafiita egípcio. O mesmo não ocorreu na Síria, onde o sufismo se desenvolveu, enquanto Alepo se tornava um centro xiita.

Em Bagdá, um novo Califa tentou libertar seu poder da tutela tribal. Ele quis reunir a comunidade em torno de sua pessoa, afirmando-se como sucessor do Profeta e Guia dos Crentes. Associou à sua política os xiitas, os sufis e os hanbalitas. Para melhor realizá-la, criou uma espécie de sociedade secreta da qual um hanbalita foi o teórico. Ele conseguiu eliminar o sultão seljúcida do Iraque e obter a adesão dos ismaelitas...

OS MONGÓIS, FUTUROS MUÇULMANOS

Ele, infelizmente, apelou aos Mongóis, que partiram do Lago Baikal desde 1202, contra o chefe seljúcida dos Corasmianos estabelecidos ao sul do Mar de Aral... preparando para seus sucessores sérios problemas; em última análise, a tentativa de unificação pela superação das variantes religiosas resultou em fracasso. Nasir foi até acusado de ter favorecido o xiismo, preparando assim a queda do Califado. Os três últimos califas seljúcidas praticaram uma política sunita sem sectarismo.

Mas os Mongóis aceleraram seu avanço. A tomada de Bagdá, o massacre dos sunitas, assinalaram sua vontade de atacar o Islã tradicional. Seu chefe era o general Khatbughâ, um turco-mongol nestoriano. Após a tomada de Alepo, ele se apoderou de Damasco, onde os cristãos da cidade manifestaram sua alegria. A derrota dos Mongóis em Ain Jalut em 1260 frente aos Mamelucos do Egito deteve a invasão. Os Mongóis permaneceram no Iraque e na Pérsia. Em Damasco, o bairro cristão foi saqueado pelos muçulmanos, que reencontraram sua unidade por esse feito de armas, e a grande igreja foi incendiada. Tendo o chefe dos Mamelucos tomado o poder, o centro do Sunismo passou do Iraque para a Síria e o Egito.

Enquanto o poder seljúcida se desagregava definitivamente, também terminava, no Magrebe, o domínio dos Almóadas. Em 1206, a tribo dos Banu Marin tomou Marrakech. Seguiu-se um fortalecimento do Maliquismo, acompanhado de um crescimento do sufismo, cujas confrarias se multiplicaram. Igualmente, o marabutismo ganhou camadas cada vez mais profundas da população.

ABUBACER E AVERRÓIS

O pensamento filosófico sofreu com isso. No entanto, no Magrebe e na Espanha ocupada, dois muçulmanos ganharam notoriedade pela exposição de suas reflexões sobre as relações entre a Lei revelada e a filosofia. O médico marroquino Ibn Tufail (Abubacer), falecido em 1185, expressou sua opinião sob a forma de um romance: a religião exotérica e revelada, por um lado, e a religião esotérica e racional, por outro, são apenas as duas faces de uma mesma verdade.

O cordovês Ibn Rushd (Averróis), 1126-1198, fiel seguidor de Aristóteles, fundou na própria sharia a legitimidade da filosofia. Ele estimava que o esforço pessoal é sempre recompensado. O erro, que pode levar a cometer um ato mau, é simplesmente menos recompensado do que a busca e a descoberta da verdade, fonte do ato bom...! Achando a filosofia mais preocupada em contestar suas certezas do que em ter verdadeiras certezas, ele a reduz a uma categoria de argumentos para obter a adesão de certos homens à lei muçulmana, que ele julgava superior a todas as outras religiões. Como bem compreendeu Jean de Fabregue, se Averróis sentiu "que não há lugar no Islã para uma atividade da inteligência filosofando diretamente sobre as coisas", ele se recusou a

conceder essa autonomia às atividades da razão, "pois compreendia que isso seria quebrar em seu coração a síntese islâmica". Além disso, Averróis retomou certas ideias de Avicena: ele também faz sair, emanar de Deus o primeiro motor, a primeira inteligência. Na morte, a corrupção afeta apenas o orgânico. O inteligível, em ação no corpo vivo, separa-se dele. Não se trata da alma no sentido católico. É uma certa quantidade do grande todo intelecto, que retorna nesse instante àquilo de que era oriundo. Esse intelecto — emanção de Deus — não pode, portanto, enganar-se. Qualquer que seja seu nível intelectual, cada muçulmano possui a verdade: não há, pois, necessidade de um magistério supremo...! Cada muçulmano poderá elevar-se e, finalmente, ensinar e dirigir seus irmãos. Ibn Sina havia reservado essa função apenas aos profetas.

Para retornar ao oriente, é preciso assinalar a obra de outro andaluz, o eminente sufi Ibn Arabi, morto em 1240. Iniciadas em seu país natal, continuadas no Egito e depois em Damasco, onde se fixou, suas reflexões deram origem a uma vigorosa escola de teosofia mística. Em sua teoria da autoridade profética, ele realizou uma generalização astuciosamente apologética de sua fé: "Deus testemunha a certos eleitos uma amizade particular, concedendo-lhes o conhecimento intuitivo das coisas da vida, o que faz deles os guias por excelência da humanidade. Este dom foi feito a Maomé antes da criação do mundo, em perfeição. Daí, para ele, essa qualidade única, esse espírito emanado de Deus, que fez do Profeta o verdadeiro advertidor e legislador, que vem terminar, encerrar a revelação divina. Se Maomé é o último dos Profetas surgidos nesta terra, haverá apesar de tudo, até a ressurreição, santos, amigos de Deus. Todos os profetas que existiram, todos os santos e apóstolos passados, presentes e futuros, participam do espírito maometano insuflado por Deus antes da criação do mundo. Portanto, CQD (como se queria demonstrar), todas as leis reveladas pelos profetas, inclusive Nosso Senhor Jesus Cristo, não são senão as manifestações mais ou menos parciais no tempo da religião universal, que não é outra senão o Islã, religião terminal da humanidade...!"

O Egito, com os mamelucos de Baibars, tornara-se a terra de eleição do sunismo. Em 1262, o novo Califa do Cairo, Al-Hakim, glorificou os Abássidas e reafirmou solenemente a obrigação de a Comunidade ter à sua frente um Imã de descendência coraixita e lançou o apelo à guerra santa contra os inimigos do islã. Por esse fato, as quatro escolas sunitas foram tratadas em pé de igualdade, com, no entanto, uma ligeira vantagem para o chafeísmo. O Egito soube impor sua tutela sobre Medina e Meca, e a manifestava enviando a cada ano o véu destinado a cobrir a Caaba.

Baibars empreendeu uma campanha vitoriosa contra os Cruzados, que conservaram apenas Marqab, Trípoli e São João de Acre. Na Capadócia, repeliu os Seljúcidas e seu aliado mongol... Os Ismailitas sofreram o esmagamento, o massacre e a dispersão. Na Síria, fizeram sua submissão. Muitos encontraram refúgio na Índia, onde sua comunidade conservou até nossos dias uma espantosa vitalidade.

Em 1281, o chefe mongol Ahmad Takudar convertia-se ao Islã. Sem atrapalhar o desenvolvimento do xiismo no Iraque, ele devolveu aos sunitas algumas fundações piedosas. Sobre tudo, viveu em paz com os Mamelucos, o que permitiu aos novos chefes do Cairo acabar com os Francos. Após várias tentativas de revanche duramente reprimidas, o chefe mongol de Bagdá aderiu ao xiismo, depois seu sucessor fez-se sunita pela paz com o Cairo. A partir de 1432, as perseguições contra o xiismo recomeçaram. Tornaram-se oficiais na Síria em 1368.

OS OTOMANOS — RUMO A UMA PÉRSIA XIITA

Mas as cartas do poder político-religioso islâmico estavam em vias de ser redistribuídas. Os Otomanos ampliavam, desde 1290, suas possessões. Pela tomada de Bursa e de Niceia, instalavam-se solidamente de um lado e de outro do mar de Mármara. Na Pérsia, a confraria dos sufistas safávidas, os homens do barrete vermelho de doze gomos, organizara-se e ia conquistar o poder. O raide de Tamerlão, partindo de Samarcanda em 1365, para conquistar a Ásia ao norte do Sunismo, permitiu-lhe alcançar Bagdá, Bursa e Esmirna... antes de voltar para casa por volta de 1420. Sua vitória humilhante sobre os Otomanos permitiu a Bizâncio respirar por algum tempo, mas em 1453, Constantinopla e Santa Sofia sucumbiram. A Porta estendia-se pela Europa central, os Mamelucos assinaram a paz: a unidade sunita islâmica parecia estabelecida.

Retomando a luta contra seu irmão inimigo, o chefe safávida Xá Ismail, que se dizia descendente do VII Imã, arrastou os xiitas à revolta e depois à secessão. Denunciando o sunismo como herético, conseguiu, de 1502 a 1515, talhar um império do Eufrates ao Cáspio, com Tabriz por capital e estendendo-se até o Afeganistão. Assim começou uma verdadeira guerra santa entre os sunitas sob a bandeira otomana e os xiitas representados pelo Xá da Pérsia. Massacres, pilhagens, destruições recíprocas sucederam-se. O Xá Abbas marcou o apogeu da Pérsia. Finalmente, os dois impérios, exauridos e decadentes, assinaram a paz em 1639: Bagdá permanecia sunita, mas Erevã, na Armênia, tornava-se xiita. A Pérsia estendia-se até a região de Kandahar, disputada ao Sultão sunita de Deli.

A paz não pôde durar com os Mamelucos. As forças otomanas anexaram o Egito em 1527, após sangrentas campanhas. O sultão otomano Selim tornava-se o soberano sunita mais poderoso do mundo, o herdeiro dos primeiros Califas.

Ele se aplicou em assentar o regime sobre a sharia e fez do sunismo hanafita a doutrina oficial. Uma verdadeira estrutura político-religiosa foi posta em prática, com Doutores da Lei a serviço do Estado. No topo da hierarquia situava-se o Grão-Mufti, fiador supremo do respeito à sharia e supervisor do corpo de Cádís formados no hanafismo. Esse sistema iria, bem ou mal, persistir até as vésperas do mundo contemporâneo.

Durante a dominação dos Mamelucos no Cairo, um dos mais importantes pensadores sunitas foi Ibn Taimiya (1263-1328). Ele devolveu ao hanbalismo uma forte influência, condenando violentamente o axarismo e a filosofia. Porta-voz da resistência aos Mongóis, soube pôr em dúvida a sinceridade de sua conversão ao sunismo. Estimando-os simpatizantes dos xiitas e dos Cristãos, predisse a constituição de um novo Estado xiita, para ele cismático. Exibindo opções de Fé conformes à tradição, sofreu, não obstante, numerosas perseguições policiais antes de ser exilado. Reabilitado pelo Sultão em 1310, retomou seu ensinamento no Cairo. Voltou a Damasco em 1326, para ali morrer dois anos mais tarde. Sua obra marcou e dividiu fortemente o Islã. Foi dirigida pela vontade de promover uma doutrina do justo meio, na qual razão, tradição e vontade concorreriam para formar um reformismo conservador, visando restaurar a unidade primeira.

Todas as escolas ou teorias conheceram, no mesmo período, um desenvolvimento certo. A obra de teologia dogmática escrita por Abu Mansur al-Maturidi (morto em 955) foi recolocada em honra diante dos maliquitas e dos chafeítas. No entanto, a vontade de aproximação dominou. O sufismo

aumentou o número de seus adeptos com os discípulos de Ibn Arabi. No mais importante, Ibn Sab'in (morto em 1270) opôs-se fortemente a Ibn Taimiya. Apesar de tudo, o número de confrarias aumentou rapidamente, com especificações diversas, tais como sufismo esotérico, sincretismo muçulmano, admissão de mulheres e de jovens, uso do haxixe, modas vestimentares persas, ritual acrescido de danças e de música, peregrinação ao túmulo de um santo...

Os teóricos do xiismo também haviam trabalhado. Sob a ocupação mongol, Nasir al-Din al-Tusi (1201-1274) foi um discípulo de al-Tusi. Ele escreveu um tratado apologético muito popular, verdadeiro "credo" dos duodecimanos. Seria ele a origem da conversão do Ilcan mongol de Bagdá ao xiismo e, por conseguinte, da penetração do imamismo nas populações iranianas. Consciente da diversidade interior do xiismo, denunciou os extremistas que viam nos Imãs uma encarnação da divindade. Foi também um adversário resolutivo do sunismo e de seu califado.

Ibn Abi Jomhur Ahsa'i, teólogo-teósofo, o mais representativo da gnose xiita, escreveu sua obra principal em 1324. Ele definiu o lugar da walayat (iniciação espiritual) no imamismo.

Portanto, desde a conquista do Egito, o sultão otomano e o sunismo hanafita governavam juntos. Essa associação incitou Abu-l-Su'ud Efendi (morto em 1574) a professar a necessidade de seguir as diretrizes do Sultão para interpretar a Lei. Um dos mais recentes ou um dos últimos hanafitas venerados foi Abd al-Ghani al-Nabulusi (1641-1731). No entanto, o sunismo hanbalista permanecia muito vivo, sabendo granjear a confiança da Porta. Participando do ensino dado na universidade de Al-Azhar, ia logo tomar, com Muhammad b. 'Abd al-Wahhab, uma orientação mais militante.

A penetração otomana no Magreb a partir de Argel e dos portos controlados pelos corsários com o apoio dos regentes-governadores, os Paxás de Argel e Túnis, não permitiu que o sunismo hanafita se espalhasse melhor. A associação ou a mistura do maliquismo, do sufismo e do marabutismo resistiu. Em Marrocos, o fracasso foi ainda mais acentuado. As dinastias xerifianas, embora lutassem contra os católicos, afastaram vigilantemente os otomanos dos assuntos do Reino. O movimento marabúutico, através da confraria de Dila, conseguiu criar um estado com Fez, Meknès e Salé. Uma tribo do Tafilalet, os alauítas, e seu sultão Moulay Muhammad (1636-1663) refizeram a unidade de Marrocos em seu próprio benefício. O sucessor Moulay Isma'il (1672-1727), ao mesmo tempo que retomava algumas praças dos cristãos, organizou a fronteira oriental com Taza, em marcha defensiva contra os otomanos. Essa oposição decorria do sincretismo já mencionado e colorido pela ideologia ávida.

OS WAHABITAS

O apogeu da dinastia marroquina coincidiu com o aparecimento, no coração da Umma, na Arábia, do movimento wahabita, ferozmente tradicional. Seu fundador, Abd al-Wahhab (1703-1792), incorporou em sua obra as ideias de Ahmad b. Taimiya. Após numerosas vicissitudes, em 1744, um pacto foi concluído entre o teólogo e o Emir Muhammad b. Sa'ud, do oásis de Dar'iya. Eles juraram fidelidade recíproca para fazer reinar, ainda que pelas armas, o reino da palavra de Deus.

O Wahabismo tinha como objetivo, no momento em que o Império Otomano dava os primeiros sinais graves de decadência e o xiismo consolidava sua penetração na Pérsia e no Iraque, construir e organizar um estado sunita segundo a pureza primeira do Islã, recusando todas as inovações

suspeitas ou superstições populares. No espírito de seus fundadores, esse estado deveria, como no tempo dos Companheiros, estender-se a partir do Najd, não apenas à península arábica, mas também ao conjunto dos países árabes, e até mesmo a toda a Umma!

Todas as seitas não sunitas foram combatidas: mu'tazilitas, kharijitas, xiitas, confrarias sufitas. Hostil à teologia dogmática, aboliu as fundações que asseguravam a subsistência aos religiosos "pensadores" e destruiu ou colocou no Index obras de mística. Campeões intransigentes da unicidade divina, os wahabitas ou "unitários" pretendiam instaurar o reino da palavra de Deus e Seu serviço, individual ou coletivamente, usando os meios que Ele próprio prescrevera a Maomé.

Após ter destruído em Karbala o mausoléu do Imam Hossain – para os xiitas, esse crime é imperdoável? – o Estado wahabita foi submerso pela repressão conduzida conjuntamente pela Porta e pelo Paxá do Egito.

Foi restaurado duas vezes. Finalmente, a partir de 1901, o Emir Abd al-Aziz estabeleceu definitivamente o reino wahabita da dinastia saudita.

O wahabismo encontrou, fora do Reino da Arábia, partidários ou, pelo menos, simpatizantes. Se sua penetração foi bem-sucedida nos Emirados do golfo pérsico, foi votada ao fracasso no Iêmen, onde o zaidismo era muito vigoroso. A influência "unitária" também se fez sentir no Iraque e um pouco em Marrocos.

Os adversários dos wahabitas os consideravam seres fanáticos, exaltados religiosos. O progresso econômico e a solidariedade árabe-muçulmana demonstrados pelo poder saudita não parecem ter mudado as bases de sua ideologia, embora a agressividade xiita iraniana possa atenuar, na opinião internacional, uma aplicação estrita da sharia e o proselitismo a favor de seu retorno nos estados árabes.

O xiismo, de fato, retomou a guerra santa. É indispensável analisar um pouco melhor os fundamentos dessa variante islâmica e sua evolução até os dias atuais.

O XIISMO

Ele conseguiu praticamente sua inserção territorial na antiga Pérsia, que se tornou o Irã, quando o Xá Isma'il tomou o poder em Tabriz, em 1501. A religião foi purificada por teólogos vindos da Síria e do Bahrein. Apesar de um poder forte, como o do Xá Abbas I (1588-1629), a interpretação da vontade do Imam oculto foi confiada aos teólogos mais qualificados, expressando o consenso da comunidade, e não ao soberano safávida, descendente do profeta. Ao contrário do sunismo, houve muito cedo uma espécie de separação dos poderes, com vigilância do temporal pelo espiritual. Uma administração religiosa foi estabelecida, perpetuando-se até o século XX.

Os xiitas se separaram dos "homens da tradição", sunitas, permanecendo fiéis ao IV Califa, o Imam Ali, esposo de Fátima al-Zahra, filha do profeta, por ocasião da arbitragem de Siffin, em 655. Em 658, Ali renunciou ao poder e foi assassinado dois anos depois.

Para os xiitas, 658 é o ano da separação entre o Califado e o Imamato.

O Califado, exclusivamente temporal, tem como único papel manter a sucessão temporal de Maomé, ou seja, o respeito e a aplicação da shari'a.

O Imamato é concedido a homens que fazem parte dos Quatorze Infalíveis (Maomé, Fátima e os Doze Imames). Esses catorze personagens, explica Henry Corbin, pré-existiam anteriormente à humanidade adâmica; ao que as ciências humanas chamam de pré-história: humanidade seráfica, criaturas humanas de pura luz, imaculadas, preservadas de toda queda, os primeiros seres criados antes de tudo. Eles formam a elite entre Deus e a criação, aqueles que respondem pelo Deus inacessível. Eles são o Rosto divino revelado aos homens...

Os doze Imames são a manifestação, no plano terrestre, dos poderes cosmogônicos. Integram-se numa estrutura em planos hierarquizados numa descida de universo em universo até o mundo do homem terreno. Recebem dos espíritos angélicos a inspiração e os altos conhecimentos.

Tendo Maomé sido o último Profeta, Revelador da última lei religiosa ditada por Deus, Ali, o Imam, marca o fim da iniciação espiritual destinada a todos os homens, e o início da transmissão secreta da revelação divina, pelos Imames, aos seus amigos e adeptos mais próximos. Trata-se de uma iniciação progressiva esotérica. Os Doze Imames sucederam-se na terra na ordem de seu desabrochar pré-eterno. Essa origem e essa missão dos Imames procedem de uma ideia de religião universal. O Xiismo se pretende ecumênico, destinado a todos os homens...

O XII Imam, Mohammad al-Qaim (o Ressuscitador) ou al-Mahdi (o Guiado), desapareceu no dia da morte de seu pai, o XI Imam. ELE NÃO MORREU. Sua mãe seria uma princesa bizantina descendente de Simão Pedro. Essa filiação permite ligar os dois ciclos de sucessão espiritual, o de Jesus e o de Maomé, reforçando, desse modo, a ideia de universalidade da religião xiita.

Este XII Imam deve voltar à terra (parusia) como Imam anunciador da Ressurreição. Ele será o selo da iniciação espiritual no interior do Imamismo.

Os Duodecimanos sempre consideraram ser os únicos depositários, em sua totalidade, da verdade revelada.

Sua teodiceia recusa qualquer compromisso com o antropomorfismo dos teólogos que, como os sunitas, atribuem a Deus qualificações emprestadas do mundo de suas criaturas.

Eles dotam o homem do livre-arbítrio. Esse poder de escolha em seus atos, recusado pelos sunitas, permite deixar Deus ser Sabedoria e Bem absoluto, recompensando sempre os bons e não sendo responsável pelo mal neste mundo.

Em oposição aos sunitas, que consideram Profetas e Imames como homens suscetíveis de mentir e de cometer erros ou infrações à Lei, os Xiitas conferem a essas emanções de Deus na terra impecabilidade e infalibilidade... Para eles, em qualquer época que seja, haverá sempre um Imam. Ora, a priori, nenhum homem, religioso, muito instruído, justo, equitativo, perfeito, isento de defeito, o melhor de seu tempo, se existisse, poderia ser apenas um Imam substituto, pois o número definitivo de Doze foi fixado pela vontade criadora de Deus. Seria necessário que ele fosse designado pelo próprio Deus de forma manifesta. Parece, portanto, que, pouco a pouco, desenvolveu-se no interior do xiismo, a única variante islâmica que se diz formada "pelas pessoas

da Família" e assegurada de ser salva, uma ideia, sempre incompatível com o Sunismo: a religião xiita consiste antes de tudo em obedecer a um homem dotado de uma ciência providencial e divinamente assistido para vir restabelecer a justiça numa sociedade dividida e tiranizada...!

Essas diferenças fundamentais entre os Xiitas e os outros Muçulmanos influenciam a aplicação dos princípios do direito, embora as fontes sejam as mesmas. As obrigações religiosas são idênticas.

Do ponto de vista do casamento, apenas os xiitas admitem o casamento "de prazer" ou casamento temporário, como se praticava na Arábia, no tempo do Profeta... Todos os islamólogos não iranianos concordam em ver aí, evidentemente, uma forma de prostituição legal...

A grande festa religiosa é o luto (muharram) de um mês, em memória da morte do III Imam em Karbala, em 680: choro, flagelações, evocações do drama, procissões com vestes pretas...

Da mesma forma, se a peregrinação a Meca mantém toda a sua importância, a visita aos túmulos dos Santos: Imames e todos os seus descendentes, personagens "sinal de Deus na terra", tem um valor todo especial. Os principais, sobretudo situados no Iraque, são o mausoléu de Huceine em Karbala, e depois os túmulos das cidades de Najaf, Samarra e Kazemain. No Irã, são particularmente visitados o local do martírio do VIII Imam (Reza) em Mashhad e o mausoléu de sua irmã em Qom, perto de Teerã. Como foi assinalado, sem ter uma verdadeira estrutura eclesiástica, o xiismo foi dotado pelo Xá de um ministro dos Assuntos Religiosos, que mais tarde foi substituído pelo Chefe dos Mulás. Ele tinha um representante em cada cidade.

O mulá faz parte oficialmente dos "teólogos". Estes fazem seus estudos corânicos seja na universidade de Qom, em Mashhad ou numa escola (madrassa) de uma cidade.

Usam o turbante como o Profeta, a barba, o manto e as sandálias. O turbante preto só seria usado pelos teólogos que se afirmam descendentes de Maomé. Este teve cerca de dez esposas legítimas e duas ou três concubinas. A filiação que confere a cor preta é exclusivamente, como para os Imames, aquela por Cadija e a única filha do Profeta, Fátima? Muitas vezes filhos de teólogos, os estudantes viviam inteiramente nas escolas. Formavam-se espécies de famílias, e até dinastias de teólogos.

Os estudos na universidade teológica de Qom ou Mashhad compreendiam três ciclos ou níveis. Primeiramente, quatro anos necessários para adquirir o domínio completo do árabe literário. Depois, cinco anos de ensino do direito muçulmano, "a ciência da lei" e dos princípios básicos por meio de livros clássicos. Por fim, um ciclo superior de duração indeterminada durante o qual o Mestre escolhido ministra seu curso... Em nenhuma etapa dos estudos há intervenção de exames ou controle. O sistema tradicional é o da "estima não codificada". Uma espécie de cooptação pelos Teólogos já estabelecidos.

O título "Aiatolá" (sinal milagroso de Deus) cabe aos teólogos considerados dignos de praticar oficialmente a interpretação da vontade do Imã oculto, e que receberam de seus mestres uma permissão para ensinar matérias teológicas. Trata-se, a princípio, de uma hierarquia correspondente a graus de iniciação esotérica de mestre para aluno escolhido...

O título honorífico "Hojjat al-Eslâm" (prova do Islã) é dado aos teólogos de alto escalão... mas não definido.

O mulá é o teólogo de nível mais baixo, tendo apenas alguns anos de estudos corânicos. Ele desempenha, nos diversos grupos humanos, o papel de líder espiritual de sua comunidade: diretor da oração, orador de sexta-feira, salmodia a tragédia de Karbala e celebra casamentos. Sua subsistência é garantida em parte por doações, em parte por um trabalho pessoal remunerado.

Esses teólogos (mojtahed) refletiram muito sobre o problema do governo da Cidade, já que ninguém pode se comunicar com o 12º Imã oculto. Outra dificuldade: a existência, desde o início do século XVI, de um poder temporal forte que permitiu ao xiismo perdurar, mas que frequentemente se opôs à opinião dos Mojtahed.

As soluções teológicas propostas ao longo de quatro séculos podem ser agrupadas em três categorias que parecem evoluir no sentido da história...

a) Somente o governo do Imã é perfeito. Ele será realizado com a vinda do Mahdi. Qualquer outra forma de governo é imperfeita. Desde os Safávidas, a monarquia é considerada a forma menos imperfeita.

b) Decisão de recusar o vazio político e religioso causado pela grande ocultação e obrigação de confiar no sábio teólogo ou no jurista religioso considerado por seus pares (?) como o mais qualificado, o mais instruído, o mais justo. Essa função, ao mesmo tempo teológica e política, podendo ser reconhecida e aceita por um soberano.

c) Teólogos modernos, dos quais se falará novamente, vão muito além ao buscar suprimir todo poder temporal, mesmo que mínimo. Considerando que a função de "Guia" não desaparece com a ocultação do 12º Imã, eles fazem do Imamato o símbolo da "liderança" política e religiosa. Os tradicionalistas reservam o poder apenas aos religiosos, que seriam os únicos capazes de expressar o consenso, e, portanto, ao seu chefe. Alguns outros recusam essa preeminência exclusiva dos mojtahed e querem buscar o consenso dirigindo-se ao conjunto dos muçulmanos, colocados em pé de igualdade, defendendo uma espécie de descentralização com assembleias se reunindo em vários pontos do território.

Esses teólogos do século XX não farão senão acentuar sua pressão sobre o poder civil, para finalmente instaurar sua orgulhosa e pouco caridosa dominação sobre uma massa sabiamente doutrinação.

Eles são a ponta de lança dos pensadores e dirigentes xiitas que recusam a evolução da sociedade muçulmana pela adaptação, mesmo parcial, das estruturas laicas, tolerantes e liberais ocidentais, ao mesmo tempo que desejam adquirir os progressos científicos e técnicos.

Muito próximos pela ideologia dos Irmãos Muçulmanos sunitas, eles querem apagar o trabalho realizado pelo Xá e reativar o controle da autoridade do Alcorão, da Sharia e do Direito muçulmano tradicional sobre a sociedade.

Após ter participado ativamente da eliminação do regime anterior, mulás e aiatolás se apoderarão diretamente do poder político e implementarão, sob o nome de "República Islâmica", uma teocracia implacável, com sua inquisição e seu super-aiatolá servindo como guia infalível e indiscutível.

Esse islã revolucionário – que se diz popular, como todos os governos marxizantes – atualiza a crítica social do Alcorão e quer se tornar um instrumento de dialética e insurreição mais assimilável e prático para as massas muçulmanas do que as diretrizes do comunossocialismo ateu.

Essa evolução radical e integrista do Xiismo... e do Fundamentalismo ocorreu durante o longo amolecimento das Escolas Sunitas. Enclausuradas em suas tradições e protegidas pelo poder estabelecido, elas cederiam grande parte de sua autoridade social, primeiramente aos "colaboradores" do Ocidente mercantil, depois aos diversos nacionalistas que, cedo ou tarde, não poderiam senão retornar ao islã puro e duro.

L. D.

O MITO DO GRAAL

Há alguns anos, as Edições Fideliter, da Fraternidade São Pio X, publicaram uma obra curiosa intitulada "*A Busca de Rafael*", uma espécie de conto de fadas para adultos sobre o tema da Eucaristia.

Segundo seu título e conteúdo, este livro recebeu um prefácio do [Professor Borella](#), onde esse gnóstico guénoniano, bem conhecido de nossos leitores, pôde desenvolver o tema do Graal para um público tradicional, que geralmente desconfia dessa noção pseudo-mística.

Pareceu-nos interessante reproduzir abaixo um estudo redigido por um membro de nossa Sociedade e publicado pela primeira vez na revista "Cultura-Fé-Tradição". Nossos leitores poderão assim apreciar melhor tanto o perigo próprio dessas noções esotéricas quanto a habilidade dos gnósticos em se apresentarem sob a aparência de proposições aparentemente cristãs.

O cálice que serviu a Nosso Senhor, na Santa Ceia, para realizar a primeira Consagração, teria também sido usado por mãos piedosas para recolher o Preciosíssimo Sangue que caiu da Cruz. Esta insigne relíquia é chamada de Graal. Teria sido conservada por um tempo e, depois, perdida. *A Busca do Graal* consiste em reencontrá-la. Esta é, no imaginário público, a essência da lenda. Como, à primeira vista, perceber algo de reprovável nisso?

Foi graças ao culto prestado pelos primeiros cristãos aos Instrumentos da Paixão que a Igreja conservou a Verdadeira Cruz, o Véu de Verônica, a Santa Túnica e o Santo Sudário. Por que o Cálice da Ceia não mereceria, antecipando sua descoberta, a mesma devoção? A lenda do Graal pode muito bem pertencer ao que se chama de "maravilhoso cristão".

Infelizmente, um exame um pouco mais atento dos poemas do Graal que a Idade Média nos legou mostra que a origem e a elaboração do mito não estão, de forma alguma, isentas de influências heterodoxas. São essas influências que tentaremos, na medida do possível, elucidar.

A primeira manifestação literária da lenda do Graal é o poema PERCEVAL, escrito por Chrétien de Troyes por volta de 1190. Aqui está o resumo desta obra magistral, que é a mais típica da grande família de poemas e romances graalianos.

Um cavaleiro morreu durante um combate desigual, vítima de sua louca temeridade. Sua viúva, dolorosa e preocupada, quer a todo custo poupar seu único filho, Perceval, de um destino semelhante. Ela o leva para um castelo perdido no fundo da floresta e o cria, longe dos homens, na ignorância sobretudo do ofício das armas.

Quando Perceval tinha cerca de vinte anos, ele encontrou um dia, em uma clareira próxima ao solar, cinco magníficos cavaleiros. O sol fazia brilhar suas armaduras e seus escudos de azul, vermelho, prata e ouro. Perceval inicia com eles uma conversa que lhe será fatal. Em poucos

instantes, ele aprende tudo o que sua mãe tanto se esforçou para lhe esconder. Maravilhado pelos relatos militares que ouve, decide imediatamente se tornar cavaleiro, e ao retornar ao solar de sua mãe, faz-lhe essa declaração. Em vão, ela o suplica para não abandoná-la. Ele também quer ir à corte de Arthur, o Rei que faz os cavaleiros. E ele parte de fato. Sua mãe morrerá por causa disso.

O Rei Arthur acolhe Perceval com simpatia e o instrui na ciência cavalheiresca. E eis que uma noite, após cavalgar o dia todo com a intenção de retornar ao solar de sua mãe, que deseja rever, Perceval chega à margem de um rio. Em um barco, dois homens estão sentados, um governa, o outro pesca. O pescador indica a Perceval o caminho até o castelo onde ele será hospedado para a noite.

Ele chega lá. A ponte levadiça abaixa assim que ele se aproxima. Ele é recebido magnificamente, como se já fosse esperado. O velho castelão, vestido de púrpura, está rodeado de seus numerosos cavaleiros; mas está deitado em uma cama, pois uma antiga ferida, que nada pode curar, lhe causa um sofrimento perpétuo. Conquistado por Perceval e por seus belos modos, ele prende uma espada ao seu cinturão, mas sem lhe dizer o que espera dele.

Perceval, mal cingido de sua arma, assiste passivamente a uma estranha cerimônia na grande sala do castelo do Rei Arthur. Um primeiro servo avança portando uma lança cuja ponta sangra. Dois valetes o escoltam segurando velas acesas. Em seguida, vem uma jovem misteriosa: ela carrega um Graal, ou seja, um vaso, um "veyssel" de ouro puro, encimado por uma tampa cruciforme, cravejada de pedras preciosas e irradiando um esplendor sobrenatural. Outra donzela a segue, carregando um grande prato de prata, o talher. O cortejo atravessa lentamente a grande sala e desaparece.

Imóvel e mudo, Perceval contempla essas maravilhas. Sua mente se enche de perguntas, mas sua garganta está tão apertada que ele não tem forças para expressá-las. E aprenderemos que precisamente aí estava sua desgraça. Que o céu quisesse que ele as tivesse formulado diante do ancião vestido de púrpura, pois era isso que se esperava dele.

No entanto, nenhuma decepção aparece nos rostos, nem no do velho mestre da casa, nem no dos cavaleiros. Pelo contrário, ele é cortesmente convidado a se sentar a uma mesa decorada e servida com suntuosidade. Ele faz uma refeição e depois é conduzido ao seu quarto. Ele se deita e adormece. Pela manhã, encontra suas armas e roupas todas preparadas para a partida. Seu cavalo está selado, mas nenhum criado de estábulo aparece. Não há ninguém com quem falar naquele castelo que na noite anterior estava tão animado. A ponte levadiça se abaixa e se levanta assim que ele a atravessa. Ele está novamente cavalgando sozinho por um caminho rural.

De repente, na estrada que segue, uma camponesa aparece diante dele, uma mensageira enigmática. Ela informa a Perceval que o velho homem que pescava no rio e o velho castelão deitado na cama são uma única e mesma pessoa. É o REI PESCADOR ou REI FERIDO (isto é, machucado), que esperava mais uma vez ser curado por um novo visitante. Bastaria para isso que Perceval lhe fizesse esta simples pergunta:

I

Sua ferida teria então desaparecido, uma cura que, ao mesmo tempo, traria incontáveis felicidades ao castelo e à região. Perceval cometeu o erro de, em vez de falar, se fechar em silêncio. Uma grande oportunidade lhe escapou.

Esse é o tema do "Perceval" de Chrétien de Troyes, que infelizmente morreu sem ter terminado sua obra. Ele abandona, portanto, seu herói na estrada da aventura no momento em que a enigmática mensageira acaba de se evaporar. Mas o cenário está montado, os personagens principais começaram a ação, o estilo e a atmosfera foram criados. Resta apenas continuar a edificação do mito respeitando o mesmo simbolismo.

Vários contadores continuaram a obra inacabada de Chrétien de Troyes. Eles acrescentaram, conforme seus próprios espíritos, episódios que parecem bastante discordantes à primeira vista, mas que respeitam notavelmente o tema inicial.

O mais notável dos continuadores de Chrétien de Troyes é, por unanimidade, Robert de Boron. Devemos a ele dois poemas: a "HISTÓRIA DO GRAAL" e a "BUSCA". Ele foi seguido por Gaucher de Denain, depois por Manessier e, finalmente, por Gerbert de Montreuil. Todos os quatro levaram os poemas do Graal a um total de mais de sessenta mil versos.

Mas também foram escritas "continuações" em prosa. Aqui estão os títulos dos principais romances: "História do Graal", "História de Merlin", "O Livro de Lancelot do Lago", "A Busca do Santo Graal", "A Morte de Artur".

Todas essas obras surgiram, com muito pouca diferença de anos, no final do século XII e início do século XIII. Todas são de autores franceses.

Mas um contador alemão, Wolfram von Eschenbach, escreveu um último romance do Graal, sob o título de "PARZIVAL". Esta obra, embora trate de um tema semelhante, difere tão profundamente dos contos franceses que lhe dedicaremos um parágrafo especial.

Muito tempo depois, no século XIV, surgem versões espanholas, portuguesas e irlandesas. Mas elas são apenas adaptações ou mesmo simples traduções dos poemas franceses.

Os contos do Graal apresentam, principalmente, cavaleiros. Eles pertencem, portanto, à literatura cavaleiresca.

Que lugar ocupam nela? Devemos classificá-los entre as canções de gesta ou entre os romances corteses?

As CANÇÕES DE GESTA são peças épicas cujas mais belas e características retratam as guerras de Carlos Magno e formam o "Ciclo Carolíngio". Elas eram recitadas, com acompanhamento de viela, diante de um público totalmente popular. Não se deveria preocupar com nuances excessivas nos sentimentos nem com maneirismos na expressão. Deveria-se contentar com emoções fortes em

uma linguagem simples. Também era conveniente que a ortodoxia da fé, unanimemente aceita, não fosse objeto da menor reserva. Daí as magníficas elevações épicas da Canção de Rolando, tipo e obra-prima do ciclo carolíngio.

Os ROMANCES CORTESES são muito diferentes. E, sobretudo, destinam-se a um público restrito e refinado, o das cortes senhoriais. Eles não são destinados ao público popular. Estão repletos de referências literárias da antiguidade grega e latina. Em geral, multiplicam-se os episódios galantes.

Os contos do Graal não fazem parte nem das canções de gesta, das quais não têm a simplicidade de inspiração, nem dos romances cortesês, dos quais não compartilham a atmosfera antiga. Eles são classificados entre os CONTOS BRETÕES, que formam ainda um gênero completamente distinto, pela ambiência celta que os permeia, pelos personagens misteriosos que aparecem e pelo cenário armoricano e galês onde se desenrolam. Os contos bretões são tão abundantes que foi necessário dividi-los em vários ciclos, dos quais o principal é o CICLO ARTHURIANO, que apresenta o Rei Arthur, sua corte e seu castelo de Camelot.

Mas a exuberância da literatura arturiana é tal que foi necessário subdividi-la em "sub-ciclos", sendo o mais homogêneo e melhor caracterizado o SUB-CICLO DO GRAAL. Cerca de quinze autores trabalharam nele.

Essa é a posição do Graal na literatura cavaleiresca. Não era mau esclarecê-la antes de analisá-la quanto ao seu conteúdo.

Quais são as FONTES nas quais os contadores do Graal buscaram sua inspiração?

Conhecem-se quatro fontes distintas: **a lenda do Rei Arthur, um grupo de Evangelhos apócrifos, os romances dos Mabinogions e um livro perdido de origem provavelmente árabe ou iraniana.** Examinemos agora cada uma dessas fontes.

O REI ARTHUR, antes de ser objeto de relatos lendários, foi um personagem histórico muito real. Arthur ou Arthus ou, simplesmente, Arthu é o líder dos mais antigos habitantes celtas da Grã-Bretanha. Ele organiza, em 516 depois de Cristo, a resistência nacional e cristã contra os invasores anglo-saxões que ainda eram pagãos nessa época.

À frente dos Bretões, Arthur infligiu, primeiro, em Badon-Hill, uma derrota aos anglo-saxões. A vitória não foi fácil, pois exigiu, diz-se, doze batalhas. Arthur restabeleceu o cristianismo na Grã-Bretanha, comprometido pelos invasores. Seu reinado foi curto; durou apenas dez anos; mas deixou uma lembrança indelével.

Aí se limitam os fatos históricos: um rei cristão derrota um invasor pagão. É sobre esse tema simples que a lenda será tecida. É por essa razão que Arthur, seus cavaleiros, seus capitães, sua corte e seu castelo vão subsistir na memória popular por mais de quatro séculos, durante os quais a nostalgia arturiana vai alimentar as imaginações. A prestigiosa lembrança histórica tomará uma forma literária nos séculos XI e XII, época de eclosão dos romances do "Ciclo Arturiano", também chamados de Romances da MESA REDONDA.

Os principais personagens que gravitam ao redor do Rei Arthur são Merlin, o encantador, seu fiel companheiro, Frec, Wigamur, Gauriel, Lancelot e, finalmente, Tristão e Isolda, cujas aventuras sentimentais, um tanto conturbadas, são tão numerosas que foram reunidas em um "sub-ciclo" dos romances da mesa redonda, formando assim o contraponto do "sub-ciclo graaliano".

Certos EVANGELHOS APÓCRIFOS forneceram aos contadores do Graal a base anedótica de sua trama religiosa. De fato, é nos textos apócrifos, e não nos canônicos, que se encontra mencionado o episódio de José de Arimateia recolhendo, no Santo Graal, o precioso Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo. Pesquisadores modernos conseguiram identificar os apócrifos que os "velhos romancistas" utilizaram: "O Protoevangelho de Tiago", "O Pseudo-Evangelho de Nicodemos", os "Gesta Pilati", a "Vindicta Salvatoris" (também chamada de "História de Vespasiano") e, por fim, uma série de documentos que se reúnem sob o nome de "História Apócrifa da Santa Cruz".

Nenhum desses textos, que são de diversas épocas, foi aceito pela Igreja no cânone das Escrituras. O que se encontra neles é, portanto, sujeito a dúvida. Ora, o tema que constitui a base do mito provém desses textos apócrifos: a suposta aparição de Jesus a José de Arimateia, durante a qual o Salvador teria lhe entregado o Graal que teria sido usado para recolher seu Sangue. Esse episódio essencial, do qual o restante da Lenda será deduzido, não é certificado pelo Magistério. Não é de todo certo que o Graal tenha tido uma existência real.

OS ROMANCES DOS MABINOCTIONS. Um "Mabinogion" é, na língua do País de Gales, um aspirante à profissão de Bardo. Esse termo acabou por designar o "Caldeirão Mágico" que os Bardos costumavam usar. Os caldeirões mágicos, dos quais provinham todos os tipos de alimentos e riquezas, equivalem, segundo os autores, aos "cornucópias" da mitologia greco-latina. Os "Romances dos Mabinogions" são Contos Bretões onde aparecem esses caldeirões e esses bardos. Os nomes dos heróis, dizem, carregam essa marca. O radical galês que comumente designa o caldeirão é "per". Ora, o nome dos personagens desses romances é precisamente Peredur, que se transformou, ao atravessar o continente, em Perlesvaus e depois em Perceval. Muitos críticos consideram os "Mabinogions" como uma das fontes utilizadas pelos contadores do Graal.

UM LIVRO PERDIDO. O cronista cisterciense Hélinand de Froidmont, que escrevia em 1204 no mais tardar, afirma a existência de um livro que ele remonta ao ano 718 da nossa era; ele sabe que existem alguns exemplares em francês nas mãos de certos senhores dispersos. Para seu grande pesar, Hélinand de Froidmont não conseguiu lê-lo; ele conhece apenas sua existência e importância.

Quanto a Robert de Boron, um dos principais contadores do Graal, ele fala de um "grande livro" do qual diz: *"Aqui estão os grandes segredos escritos, que se chamam o Graal"*. Robert de Boron é categórico: ele conheceu o livro por meio de seu senhor Gauthier de Montbéliard; se ele não pôde relatar mais que algumas partes, é porque o texto que ele tinha em mãos estava incompleto.

Chrétien de Troyes, ele também, na introdução de seu "Perceval", afirma dever o conteúdo de seu poema a um livro que lhe foi entregue pelo conde Filipe da Flandres: "Este é o conto do Graal que os contadores narram no livro."

O poeta alemão Wolfram von Eschenbach, autor de um romance do Graal intitulado "Parzival", indica que se inspirou em um certo "Kyot o Provençal, o mestre bem conhecido, escreve ele, que encontrou em Toledo a matéria desta aventura, anotada em escrita árabe".

Vê-se, graças a todos esses testemunhos, que o livro perdido deixou consideráveis vestígios. Somos fortemente tentados a materializar nesse livro a influência dos contos iranianos que os críticos modernos, e sobretudo Henri Corbin, discernem nos poemas e romances franceses do Graal. Vemos, ao examinar todas essas fontes, que a inspiração cristã, na origem do Graal, é, portanto, fortemente misturada com elementos heterodoxos.

Nos relatos do Graal, ao passar de um autor a outro, é de se esperar variantes em toda a parte anedótica. A continuidade e a homogeneidade, pelo contrário, se encontram na parte alegórica.

Segundo Robert de Boron, José de Arimateia fundou uma pequena comunidade religiosa com os membros de sua família e alguns judeus convertidos. E ele instituiu o RITO DA MESA para honrar o Graal, cuja guarda ele acabara de receber. Ele diz pouco sobre esse rito, exceto que era de tipo eucarístico. Não há dúvida de que o Graal nutria seu guardião.

Após a morte de José de Arimateia, a relíquia é confiada a Bron, seu cunhado, que a transporta para a Inglaterra. A pequena comunidade familiar, guiada por Alain, filho de Bron, vagueia pelo mundo antes de se juntar ao Graal na Inglaterra, onde Bron o havia trazido. Nesta versão, Perceval é dado como filho de Alain, mas ele se separa de seu pai, de quem perdeu a pista. Bron é então o "Rei Pescador". Perceval é o Escolhido destinado a encontrar o Graal.

Mas entre os "continuadores" de Robert de Boron, assiste-se à substituição de Perceval por Galahad. Perceval falha em sua busca pelo Graal porque não é suficientemente impecável. E é finalmente Galahad, o cavaleiro "espiritual" sem mácula, que encontra e contempla o mistério do Graal. Incessantes prodígios pontuam essas peripécias.

Após a morte de Bron, é Joséphé, o filho de José de Arimateia, quem assume a direção da comunidade do Graal e desempenha o papel de sumo sacerdote. O personagem do "Rei Pescador", também, se perpetua através das diferentes continuações. Haverá uma verdadeira dinastia desses reis, mas todos habitarão o castelo de CORBENYC. No entanto, não se deve procurar uma grande rigorosidade em sua genealogia.

Le "Roi Pêcheur" se confunde mais frequentemente, mas não sempre, com o "Roi Méhaigné", ou seja, Ferido, como vimos na versão de Chrétien de Troyes; em outras versões, os dois personagens são distintos.

Algumas versões intercalam, em diversos pontos do relato, o episódio da NEF DE SALOMON. Somos transportados para tempos antigos e nos é mostrado o Rei Salomão a quem é revelado que um de seus descendentes descobrirá o Graal. Ele então manda construir uma nave de madeira incorruptível no centro da qual coloca uma cama sobre a qual são colocados três fusos. Sobre a cama, ele deposita "uma espada com estranhas correias"; as correias dessa espada, de fato, são feitas de vulgar estopa; mas mais tarde uma virgem as substituirá por novas correias feitas com seu próprio cabelo. Esta espada está destinada ao Escolhido. Com ela, ele dará o "Golpe Doloroso" que anuncia as últimas aventuras.

O episódio do palácio de Sarraz é um dos mais constantes e é também aquele que melhor permite julgar o espírito do mito graaliano. Seguindo circunstâncias que variam de uma versão para outra, a comunidade de Joséphé se transporta, escoltando o Graal e a "Lança que Sangra", sempre inseparáveis, para a misteriosa cidade de SARRAZ (do nome de seu Rei-fundador). Esta palavra obviamente evoca os Sarracenos. É-nos revelado que esta cidade de Sarraz é uma figura da Jerusalém celeste. Em seu recinto encontra-se o PALÁCIO ESPIRITUAL destinado a abrigar o triunfo do Graal quando o Escolhido for considerado digno de descobri-lo. Dois reis sarracenos, Mordrain e Nascien, se convertem ao Graal.

É no palácio espiritual de Sarraz, durante uma visão maravilhosa, que Cristo institui um NOVO SACERDÓCIO ESPIRITUAL. Ele aparece à comunidade para sagrar bispo, com suas próprias mãos, Joséphé, filho de José de Arimateia (conferindo-lhe assim a plenitude do Sacerdócio). No altar, entre a lança e o Graal, aparece um segundo vaso de ouro de origem celestial; ora ele se distingue do Graal da Ceia, ora se confunde com ele. Imprecisão que mantém a atmosfera enigmática tão característica desses relatos.

Alguns tempo após sua sagração, Joséphé, o novo bispo "espiritual", celebra um "Rito da Mesa" durante o qual Cristo se manifesta novamente e promulga o privilégio do "pequeno povo recém-nascido do nascimento espiritual". Nascien, rei sarraceno recém-convertido, em êxtase, vê no Graal a profecia da restauração final. Joséphé é ferido pela lança cujo ferro permanece na ferida.

Mas Perceval, Bohort e Galaad, que conduziram sua busca juntos, chegam a Sarraz. Todos os três estão prestes a alcançar o objetivo, mas apenas um irá triunfar. É anunciado que o Escolhido não será Perceval (embora inicialmente pressentido), mas Galaad, o cavaleiro "espiritual".

Diante do Graal cercado por uma luz sobrenatural, Galaad é tomado pela UNIO MYSTICA, prelúdio da visão beatífica celestial. Imediatamente, Galaad cura Joséphé, que foi ferido pela "lança que sangra". Assim, a lenda do Graal, iniciada no culto de uma insigne relíquia da refeição eucarística de Jesus, termina com as núpcias espirituais que constituem o ápice da vida mística. A impressão de uma intensa vida cristã se mantém do início ao fim. Não é de se admirar que alguns críticos modernos vejam, nos romances do Graal, a marca de uma influência cisterciense muito acentuada.

Mas o cristianismo do Graal é tão ortodoxo quanto parece?

Para responder a esta questão, tentaremos desvendar as alegorias contidas nos personagens, objetos e ritos. É aí que se esconde todo o esoterismo do Graal.

OS PERSONAGENS: Suas aventuras sofrem variações de uma versão para outra. Mas a alegoria que eles encarnam permanece a mesma em todos os lugares. O Rei Arthur recruta e forma a maioria dos cavaleiros do Graal. Seu castelo de Camaalot é como o pritaneu deles. Esses cavaleiros representam os vários graus de avanço da alma na vida mística. Na base da escala está Gauvain, o tipo de soldado "terreno", ou seja, terra-a-terra, intrépido e rigoroso, mas sem ideal. No topo, culmina Galaad, o cavaleiro "celestial" por excelência. Entre os dois, escalonam-se Bohort, Aiols, Doon, Tyolet, Fergus, Lancelot, sem esquecer Perceval, que também passou por Camaalot.

Merlin, o encantador, o inseparável companheiro do Rei Arthur, aparece pouco no Graal. Ele é principalmente um personagem arturiano.

As mulheres não são numerosas. Blanchefleur e H  laine pertencem principalmente, elas também,    "T  vola Redonda". Guinevere, esposa do Rei Arthur,    cortejada por Lancelot. Várias "jovens enigmáticas" fazem misteriosas aparições na liturgia, transmitindo mensagens ou advertências. Não se sabe de onde elas vêm. Uma delas, no entanto, é a irmã de Perceval.

Os "Reis Pescadores", que às vezes também são os "Reis Feridos", habitam o castelo de Corbényc, que é muito mais "espiritual" do que o de Camaalot. Eles constituem uma espécie de dinastia cuja origem remonta, em princípio, a José de Arimateia. Eles foram constituídos guardiões do Graal que os alimenta.

Mas o que eles representam senão a espera do Eleito e, portanto, da "grande Revelação" que ele deve trazer?

Os comentadores modernos não fornecem explicações muito claras. Os Reis sarracenos convertidos são apenas dois: Mordrain e Nascien.

Mas ao que eles são convertidos? Ao catolicismo romano? Certamente não. Eles são convertidos ao Graal.

Eremitas aparecem nos momentos de perturbação para confessar os cavaleiros ou dar-lhes conselhos. Um deles se chama Nascien, mas não tem nada em comum com o rei sarraceno convertido;    um personagem completamente diferente com o mesmo nome de Nascien. **O clero secular nunca aparece nas histórias do Graal. Encontramos capelas, monastérios, "abadias brancas", mas nunca igrejas paroquiais e catedrais, nunca o bispo residente.**

OS OBJETOS. O mais prestigioso é obviamente o Graal. Ele cont  m às vezes o Precioso Sangue, às vezes h  stias. Mas também tem um valor em si mesmo, pois constitui um mistério a ser elucidado. Somente o Eleito, primeiro, e depois dele, uma pequena elite poderão alcançar essa gnose, ou seja, a compreensão desse mistério. Enquanto isso, nenhum profano deve contemplar o Santo Vaso. **Nisso, pelo menos, ele se distingue do Santíssimo Sacramento Exposto, em uso na verdadeira Igreja institucional, que é, ao contrário, destinado à adoração popular.**

A "Lança que sangra" forma com o Graal um bin  mio inseparável. Quando eles processam,    juntos. Esta lança é a de Longino, é claro, aquela que abriu o coração de Nosso Senhor Jesus Cristo. Os exegetas atuais se comprazem em comentários sobre o bin  mio Lança-Graal. Eles veem nele, como era de se esperar, a alegoria do masculino e do feminino.

O talhador é o prato que continha o cordeiro pascal da última Ceia. Em nossos romances, ele desempenha um papel ambíguo, em concorrência com o próprio Graal. Pode-se perguntar se ele não representa, discretamente, um Graal mais ou menos hebraico.

A espada faz frequentes aparições, mas vê-se que é um vestígio dos romances arturianos. A espada traz muitas desgraças. Ela fere o Rei e torna a terra estéril. Finalmente, ela se quebra e será necessário que o Eleito Galaad a solde novamente.

OS RITOS do Graal são claramente esotéricos. O protótipo nos foi mostrado pelo "Rito da Mesa" celebrado por José de Arimateia rodeado por sua pequena comunidade. Sabe-se também que uma

"Missa do Graal" é celebrada todas as noites no castelo de Corbényc, mas não nos é dito o que acontece lá. Assistimos principalmente a duas dessas missas: a primeira na presença de Galaad e seus onze companheiros em Corbényc; a segunda no "Palácio espiritual" de Sarraz no dia da morte extática de Galaad; o celebrante é então Joséphé que desce do céu em um trono sustentado por quatro anjos.

O sacerdócio espiritual com o qual Joséphé é investido por Jesus Cristo Ele mesmo é apresentado como superior ao de Pedro. Certamente, Pedro e o sacerdócio hierárquico não são desconhecidos nos romances do Graal. Um certo Perron aparece na *Estoire de Robert de Boron*. Mas ele é sempre relegado ao segundo plano, ao de acólito. Além disso, ele recebe seu ensinamento dos outros personagens do Graal. A Igreja de Pedro é encarregada de anunciar a chegada futura da Igreja espiritual. Perron está ausente do "Palácio espiritual" de Sarraz quando Joséphé recebe a plenitude do sacerdócio. É Joséphé quem é o verdadeiro pastor dos companheiros do Graal. Acrescentemos a isso que são frequentes as cerimônias mais ou menos claramente iniciáticas.

Os contadores que participaram da elaboração do mito eram todos contemporâneos uns dos outros. Todos viveram no final do século XII e início do XIII. Pode-se, portanto, perguntar se eles não constituíam uma espécie de confraria espiritual, mais ou menos coerente, como era frequente naquela época.

Pode-se supor que uma influência cátara tenha sido exercida sobre eles?

Isso foi sugerido às vezes, mas é pouco provável, pois não se encontra, na mística do Graal, nenhum traço do maniqueísmo radical que é tão característico do pensamento albigense.

Pertenciam eles a alguma linhagem "joanina"?

Provavelmente não, já que não é São João que é apresentado como detentor do sacerdócio espiritual, mas Joséphé, filho de José de Arimateia. Pode-se excluir o joanismo propriamente dito.

Alguns comentadores modernos observam que os romances do Graal são contemporâneos de Joaquim de Fiore, aquele ex-cisterciense italiano que ensinava a iminência da era do Espírito Santo. Para ele, a história da salvação se divide em três eras: a era do Pai, que coincide com o Antigo Testamento, a era do Filho, que corresponde ao Novo Testamento, e a era do Espírito Santo, que é a dos últimos tempos nos quais teríamos entrado. Ora, alguns franciscanos dissidentes se juntaram aos discípulos de Joaquim de Fiore. Eles tomaram precisamente o nome de "espirituais". Sua influência se exerceu rapidamente na França e na Inglaterra, especialmente na nobreza.

Tal parentesco, mesmo que não seja muito organizado, explicaria o "messianismo espiritual" do qual os Poemas e romances do Graal estão impregnados. Compreender-se-ia então muito bem a comunidade dos "pobres espirituais" de Joséphé, guardiã do Graal e detentora de um segredo cuja revelação marcará o advento do Espírito Santo.

O que é certo é que há, na "arte confusa de nossos velhos romancistas", como dizia Boileau, inúmeras insinuações que colocam sua obra coletiva totalmente à margem do cristianismo ortodoxo.

WOLFRAM VON ESCHENBACH é o último dos autores do Graal. Ele era originário do Palatinado. Suas duas principais obras: "Titurel" e "Parzival" foram compostas em 1200 e 1220. Com ele, o mito assume um caráter claramente esotérico, pode-se mesmo dizer gnóstico. As fontes árabes que mencionamos tornam-se evidentes. O Graal já não é o "Santo Vaso" cantado por Chrétien de Troyes. É uma enorme esmeralda escavada em forma de cálice e caída da testa de Lúcifer quando este foi precipitado do céu.

É Wolfram von Eschenbach quem faz a mais clara alusão a esse "Mestre Kyot que encontrou em Toledo a matéria desta aventura, anotada em escrita árabe". Matéria que se tornou a trama de seu poema. Assim, ele abandona o mundo arturiano para substituí-lo por um mundo oriental. O centro de suas aventuras não será mais o castelo de Corbenyc, nem mesmo o palácio espiritual de Sarraz. A pedra de esmeralda em forma de cálice será guardada no castelo de MONTSALVAGE. Templários serão os guardiões deste novo Graal, do qual podemos nos perguntar se é cristão ou luciferino.

Certamente, o antigo cenário não é totalmente abandonado. Assim, apenas seres puros podem levantar e carregar a pedra. Todos os anos, na Sexta-Feira Santa, seu poder maravilhoso é renovado por uma hóstia que uma pomba traz do céu. Não se abandona totalmente o cristianismo, o que seria impossível naquela época. Simplesmente, ele é atenuado.

A "Queste" também não se desenrola da mesma maneira. A nova busca do Graal torna-se a progressão de Parzival, de obstáculo em obstáculo, em direção ao mundo do absoluto situado fora do tempo e do espaço. No entanto, Parzival já pertence a esse mundo, sem saber, por sua própria natureza. A ascensão em direção ao Graal, símbolo do absoluto, faz com que ele tome consciência de sua verdadeira natureza. Essa ideia é tipicamente gnóstica. O Graal de Wolfram von Eschenbach também se envolve em astrologia e alquimia.

Assim, é criado o Graal germânico, que dormirá por muito tempo e que Richard Wagner despertará seis séculos depois. Para compor o libreto de Parsifal, que foi sua última ópera, Wagner fez um trabalho de síntese. Ele não abandonou completamente os romances franceses. Ele se inspira neles, em particular, para a cena final da cerimônia da Ceia. Mas, por exemplo, para a marcha fúnebre de Titurel, ele retorna a Wolfram von Eschenbach. É o castelo de Montsalvat, e não mais o de Corbenyc, que abriga o Graal germânico. O Eleito não é mais Galaad, mas Parsifal.

Atualmente, os contos do Graal são objeto de um estudo aprofundado por parte de alguns intelectuais. Até mesmo sociedades eruditas foram criadas para a compilação desses antigos textos. Uma certa moda, no grande público, começa a se delinear. Entre os trabalhos de estudo, podemos citar:

- "Sendas na Floresta do Graal" por Pierre David, Coimbra 1943.
- "Luz do Graal", coletânea coletiva dos Cahiers du Sud, Paris 1951.
- "A Queste do Santo Graal, Romance cisterciense" por Irénée Vallery-Radot, Bélgica 1956.
- "O Islã e o Graal", por Pierre Ponsoye, Paris 1957.

Diante da realidade do entusiasmo público ou para estimulá-lo, o fato é que o CNRS reuniu em Estrasburgo, em 1954, um Colóquio Internacional sobre o tema: "Os Romances do Graal na Literatura dos séculos XII e XIII", Colóquio ao qual participaram acadêmicos e escritores de grande

valor, mas cuja orientação não era particularmente cristã.

O mito do Graal é um veículo ideal para os neo-gnósticos que trabalham para familiarizar os tradicionalistas com a ideia de um esoterismo cristão.

De fato, essa lenda permanece, na mente do grande público, inseparável do cristianismo mais seguro, devido à sua origem e ao seu epílogo: a origem é o cálice da Ceia e o epílogo é a morte extática do cavaleiro sem mancha. Inserida entre esses dois extremos, a lenda, portanto, não inspira nenhuma desconfiança prévia. Pelo contrário, ela se beneficia de um preconceito favorável. Os leitores não prevenidos correm, portanto, o risco de se deixar seduzir pelo cristianismo "espiritual" e extra-hierárquico desses poemas, cujo encanto céltico e cavalheiresco ainda opera sobre muitas mentes.

E no entanto, a participação das doutrinas heterodoxas nos romances do Graal é muito substancial. Ela é evidenciada por uma multidão de obras recentes. A influência dos contos árabes na origem de nossos relatos medievais interessa particularmente os pesquisadores modernos. Henri Corbin acredita que existe, nos contos épicos do Irã, o equivalente do Graal. Esse Graal iraniano não é nada mais, segundo ele, do que a "Taça maravilhosa" de Djmeshid, na qual o "Rei Místico" vê todo o universo. Ele trata desse assunto em seu livro "Da Epopeia Heroica à Epopeia Mística". Ele aprofunda ainda mais essa questão no livro "No Islã Iraniano", onde dedica o capítulo "A Luz da Glória e o Santo Graal" ao equivalente iraniano e islâmico do Graal cristão.

Dois livros recentes são capazes de mostrar o ardor quase fanático dos neo-hermetistas em excitar o interesse do grande público pelos romances do Graal:

"Perceval e a Iniciação" por Pierre Gallois, nas Edições do Sirac, 1972 e "O Mito do Graal e a Ideia Imperial Gibelina" por Julius Evola.

Se nos reportarmos a essas duas obras, veremos que não exageramos o perigo.

J.V.

O PROBLEMA ARDENTE DA TRADIÇÃO

Artigo publicado anteriormente [aqui](#) (Cadernos Barruel 2 - 1978).